



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA  
ETNIA KARIPUNA DO OIAPOQUE-AP**

OIAPOQUE  
2019

JULIANA ANIKÁ DOS SANTOS  
YURI ANIKA DOS SANTOS

**AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA  
ETNIA KARIPUNA DO OIAPOQUE-AP**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Amapá, para obtenção do título de Licenciado em História, sob orientação do prof. Me. Luiz Gustavo da Silva Costa.

OIAPOQUE  
2019

JULIANA ANIKÁ DOS SANTOS  
YURI ANIKÁ DOS SANTOS

**AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA  
ETNIA KARIPUNA DO OIAPOQUE-AP**

Trabalho de conclusão de curso exigido pela Universidade Federal do Amapá- Campus Binacional, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovados (as) em, 20 de abril de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Luiz Gustavo da Silva Costa / Presidente  
Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

---

Prof. Esp. Jonathan Viana da Silva  
Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

---

Prof. Me. Evelanne Samara Alves da Silva  
Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Aos nossos pais, familiares, parentes indígenas,  
professores, amigos e colegas, companheiros de  
todas as horas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter nos concedido a vida, inteligência e saúde para que não desistíssemos.

Ao nosso Orientador, Prof.º Me. Luiz Gustavo da Silva Costa, pela paciência, dedicação e envolvimento, apesar da distância, mas, nos auxiliando em todas as etapas desta pesquisa, contribuindo para efetivação deste trabalho, nosso respeito e admiração.

Aos Professores de sala, que contribuíram com nossa formação, com dicas, discussões, inspirações e paciência.

Aos nossos colegas de sala, pelas dicas e os momentos de grande aprendizado e alegrias.

À comunidade indígena, na qual se desenvolveu a pesquisa — aos indígenas Karipuna entrevistados, que colaboraram com este trabalho.

Aos antigos indígenas Karipuna, que contribuíram com informações importantes para consolidação deste trabalho.

Aos nossos familiares pelo apoio, compreensão, carinho e incentivos durante a nossa caminhada acadêmica, que não foi fácil, porém muito gratificante.

## RESUMO

O presente trabalho surgiu, tendo por base a ideia em descrever sobre a formação e evolução da etnia Karipuna, a partir da concepção do próprio indígena Karipuna. Pois, no atual contexto, todas as fontes bibliográficas escritas, que existem falando sobre a etnia Karipuna, são de pesquisadores não indígenas, principalmente antropólogos que em muitos casos evidenciam dados que não condiz com realidade de fato. A indagação que norteou a presente pesquisa foi: Como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo, que se localiza na região de Oiapoque-AP? O objetivo geral do estudo foi entender a origem da etnia Karipuna localizada no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não “índias” em sua cultura. No que se referem aos objetivos específicos, estes foram: 1) Revisar a História indígena colonial partindo dos primeiros contatos com os europeus passando pela criação de instituições indigenistas e suas influências na cultura indígena; 2) Analisar as influências das instituições “não indígenas” na cultura Karipuna. 3) Identificar na visão de idosos Karipunas, mudanças nas práticas culturais ocorridas ao longo do tempo a partir do contato com “não índios” e suas instituições. Na metodologia da pesquisa adotou-se a abordagem qualitativa descritiva. O lócus da pesquisa, foi a Aldeia Manga. Para coleta de dados realizou-se a aplicação de entrevista semiestruturada, aplicada a 5 indígenas Karipuna antigos, todos moradores da Aldeia Manga. Como técnica de análise de dados utilizou-se a história oral. Tendo por base os dados coletados, os resultados obtidos evidenciam por todos os entrevistados que os Karipuna sempre existiram na área do município de Oiapoque, onde sempre existiu a convivência entre não indígenas estrangeiros e brasileiros, pois antigamente os Karipuna falavam a Língua Indígena (Kheul/Patua), dançavam a Dança Tradicional do “Turé” e viviam mais de forma tradicional, a partir do intenso contato com outros povos, foram adquiridos outros hábitos e que acabaram sendo incorporados na cultura deste povo, que apesar de todas essas influências externas, atualmente manifesta vários costumes originários, bem como, a sua língua indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Povo Karipuna. Formação da Etnia. Cultura indígena.







## RESUMÉ

Karipuna, proviennent de chercheurs non autochtones, principalement des anthropologues, qui dans de nombreux cas apportent des données qui ne correspondent pas à la réalité. La question qui a conduit à cette recherche était: comment, quand et comment s'est déroulé le processus de formation et d'évolution du groupe ethnique Karipuna et comment il a entraîné l'acculturation de ce peuple, situé dans la région Oiapoque-AP. L'objectif général de l'étude était de comprendre l'origine du groupe ethnique Karipuna dans la municipalité d'Oiapoque et les influences des institutions "indiennes" non indiennes dans leur culture. En ce qui concerne les objectifs spécifiques, il s'agissait: 1) de passer en revue l'histoire de l'Indonésie coloniale depuis les premiers contacts avec les Européens en passant par la création d'institutions indigénistes et leurs influences dans la culture autochtone; 2) Analyser les influences des institutions "non autochtones" dans la culture Karipuna. 3) Identifier, du point de vue des personnes âgées, les Karipunas, les contacts avec les "non-Indiens" et leurs institutions ont entraîné des changements dans les pratiques culturelles. Dans la méthodologie de la recherche, l'approche descriptive qualitative a été adoptée. Le lieu de la recherche était Aldeia Manga. Pour la collecte des données, une interview semi-structurée a été appliquée à cinq anciens habitants de Karipuna, tous résidant dans le village de Manga. L'analyse des données a été utilisée comme technique d'analyse des données. Sur la base des données collectées, les résultats obtenus par toutes les personnes interrogées indiquent que le Karipuna a toujours existé dans la région de la municipalité d'Oiapoque, où il existait toujours une coexistence entre les ressortissants étrangers et les Brésiliens, car le Karipuna parlait la langue autochtone Keuol), ils ont dansé jusqu'à la danse traditionnelle (Mots-clés: peuple Karipuna. Formation d'ethnicité. Culture indigèneTuré) et vivaient de manière plus traditionnelle, à partir du comptage intense avec les autres peuples, d'autres habitudes ont été acquises et ils ont fini par être intégrés à la culture de cette ville qui, malgré toutes ces influences extérieures, diverses coutumes originaires, aussi, parle à son natif.

**MOTS-CLES:** Peuple Karipuna. Formation d'ethnicité. Culture indigène

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 –	Mapa da Reserva Indígena Uaçá	27
Imagem 2 –	Rio Curipi	42

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGM	Associação Galibi Marworno
AMIM	Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão
APIO	Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CIR	Conselho Indigenista de Roraima
CPI	Comissão Pró-Índio de São Paulo
CGTT	Conselho Geral da Tribo Tikuna
COIAB	Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
CRPIO	Comissão de Representantes dos Povos Indígenas do Oiapoque
CTI	Centro de Trabalho Indigenista de São Paulo
FOIR	Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
NDI	Núcleo de Direitos Indígenas
NEI	Núcleo de Educação Indígena
OPIMO	Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque
PI	Posto Indígena
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
UEAP	Universidade do Estado do Amapá
UNI	União das Nações Unidas
UNI-ACRE	União das Nações Indígenas do Acre
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIND	União das Nações Unidas

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>HISTÓRICO DE CONTATO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: DO PERÍODO COLONIAL AO CONTEXTO POLÍTICO ATUAL.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>AS ONGS E INSTITUIÇÕES INDÍGENAS E AS POLÍTICAS VOLTADAS AOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL.....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>A INTERVENÇÃO DE NÃO ÍNDIOS E INSTITUIÇÕES NAS ALDEIAS DA ETNIA KARIPUNA: E AS INFLUÊNCIAS NA CULTURA INDÍGENA, A PARTIR DO SÉCULO XX.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>ORIGEM E CULTURA KARIPUNA NA VISÃO DE SEUS MORADORES.....</b>	<b>42</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO AOS INDÍGENAS KARIPUNA DA COMUNIDADE CAMPO.....</b>	<b>62</b>
	<b>APÊNDICE C - RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS INDÍGENAS KARIPUNA DA COMUNIDADE CAMPO.....</b>	<b>63</b>
	<b>ANEXO A – IMAGENS DE ELEMENTOS QUE FAZEM PARTE DA CULTURA KARIPUNA.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

No atual contexto, todas as fontes bibliográficas escritas, que existem falando sobre a etnia Karipuna, são de pesquisadores não indígenas e indígenas pertencentes de outra etnia, principalmente antropólogos que em muitos casos evidenciam dados que não condiz com realidade de fato da cultura indígena.

Os povos indígenas sempre foram habitantes da terra chamada Brasil. No ano de 1500, Pedro Alvares Cabral chegou com sua comitiva e se deparou com várias etnias indígenas, cada qual com seu costume e língua. Viviam com base no que a natureza lhes oferecia, pois quando determinado alimento ia ficando escasso, estes mudavam de lugar, diante disso ficaram conhecidos como povos nômades.

Durante o contato com o povo português, os indígenas foram aos poucos sendo manipulados, ou seja, foram sendo dominados, pelos portugueses, atraídos por produtos que não faziam parte da cultura indígena. Em pouco tempo teve o início do processo que ficou conhecido como, “catequização” pelos jesuítas que eram membros da igreja católica de Portugal. Essa catequização ocorreu justamente para que os indígenas aprendessem a falar a Língua portuguesa e deixassem de falar a língua indígena.

Após o período colonial, vários indígenas já instruídos, começaram a falar a língua portuguesa com bastante intensidade e passaram aos poucos a entender como funciona a política brasileira. É importante esclarecer que por muitos anos os povos indígenas foram dominados pelos governantes, ou melhor, foram manipulados e escravizados. Nesse sentido, perdurou por muitos anos a política de integração do índio a sociedade nacional, ou seja, o governo tinha como propósito acabar com as línguas e culturas indígenas existentes no Brasil.

No início da década de 1970, algumas lideranças começaram a perceber que as políticas voltadas aos povos indígenas não estavam de acordo com as necessidades dos povos, foi nesse contexto que as maiores lideranças da época se reuniram e começaram a lutar em prol de seus direitos, e aos poucos conseguiram acabar com a política de integração, durante a promulgação da Constituição Federal de 1988, na qual foram garantidos vários direitos aos povos indígenas de todo o Brasil, isso contando com a presença das maiores lideranças da época.

Após a promulgação, com vários direitos já garantidos, iniciou-se um processo de mudança no cenário político brasileiro quando se trata de questões indígenas, ou melhor, a partir de então os povos indígenas foram sendo mais respeitados e ouvidos. Foi nesse

contexto, várias etnias foram criando suas próprias organizações, bem como, foram surgindo várias organizações não governamentais e instituições de representação indígena.

Nesse sentido, já bem instruído, o povo indígena Karipuna que vive na área do município de Oiapoque-AP, sempre estabeleceu contato com outros povos, tanto não indígenas brasileiros de vários estados, quanto estrangeiros de vários países e essas diversas nações acabaram colaborando para a formação da atual etnia Karipuna, que é considerada uma etnia heterogênea. Na verdade, por conta desse intenso contato, que vem acontecendo há muitos anos, os Karipuna adquiriram uma nova identidade.

Porém, o povo Karipuna apesar da heterogeneidade, mantêm vivos, os seus costumes originários, assim como, outros hábitos que foram adquiridos a partir do contato, foram incorporados e passaram a fazer parte da cultura Karipuna. Diante disso, foram várias as instituições que influenciaram na cultura deste povo, na qual cabe destacar primeiramente a atuação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em seguida a atuação da educação escolar nas aldeias, mais tarde teve a presença do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Outras pessoas também tiveram influências, tais como: pesquisadores, marreteiros, pessoas que entravam para explorar minério na área indígena, bem como, os próprios indígenas que iam morar nas cidades e quando retornavam, traziam novos hábitos, dessa forma todas essas instituições, povos e pessoas tiveram bastante influência nos atuais costumes manifestados pelo povo Karipuna.

Diante do exposto, o problema deste trabalho é como se formou a etnia Karipuna em Oiapoque e que impactos tiveram as instituições indígenas em aspectos culturais Karipuna.

No sentido de nortear a pesquisa foi proposto como objetivo geral: entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não índias em sua cultura. No que se referem aos objetivos específicos, estes foram: 1) Revisar a história indígena colonial partindo dos primeiros contatos com os europeus perpassando pela criação de instituições indigenistas e suas influências na cultura indígena; 2) Analisar as influências das instituições “não indígenas” na cultura Karipuna; 3) Identificar na visão de idosos Karipuna mudanças nas práticas culturais ocorridas ao longo do tempo a partir do contato com não índios e suas instituições.

Em síntese, metodologicamente a pesquisa ocorreu pela abordagem qualitativa descritivo-analítica, utilizando pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas com antigos indígenas da etnia Karipuna. O local da pesquisa foi a Aldeia Manga, por meio das seguintes técnicas de coleta de dados: 1) aplicação de entrevista semiestruturada com 5

moradores/indígenas Karipuna antigos; 2) observação que aconteceu na própria aldeia campo em eventos culturais típicos como o Turé e a produção do Caxixi.

A presente monografia está estruturada em três capítulos, os quais contemplam os seguintes aspectos:

No primeiro capítulo, “**Histórico de Contato dos Povos Indígenas no Brasil: do Período Colonial ao Contexto Político Atual**”, desenvolve-se uma abordagem histórica da trajetória de contato entre os indígenas e a comitiva de Pedro Álvares Cabral a partir de 1500, enfatizando ainda sobre o político no qual os povos indígenas foram submetidos desde o período colonial até o contexto atual.

No caso do segundo capítulo que aborda a questão da “**Intervenção de não índios e Instituições nas Aldeias da Etnia Karipuna: e as Influências na Cultura Indígena, a partir do Século XX**”. Faz um pequeno recorte histórico sobre as instituições indigenistas e pessoas não indígenas de vários lugares, que entraram nas terras indígenas e dessa forma influenciaram nas manifestações culturais que atualmente fazem parte da cultura do indígena Karipuna.

O terceiro capítulo intitulado “**Origem e Cultura Karipuna na Visão de Seus Moradores**”. Foi organizado a partir da construção de pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, contendo o tipo de abordagem, local, amostra e análise de dados coletados na aldeia campo, concluindo com os resultados obtidos em relação a composição da atual etnia Karipuna, língua e cultura de modo geral.

## **1 HISTÓRICO DE CONTATO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: DO PERÍODO COLONIAL AO CONTEXTO POLÍTICO ATUAL**

O histórico de contato da população indígena no Brasil é datado a partir de 1500, ano em que os portugueses, através de expedição, comandada por Pedro Álvares Cabral, chegaram em uma terra com bastantes fartura da madeira chamada Brasil, o que deu nome ao lugar. Nesse sentido, se depararam com um povo, que apresentava uma cultura totalmente diferente, eram várias etnias divididas por vários troncos linguísticos. Tanto é que:

O etnólogo Curt Nimuendaju assinalou no seu mapa etno-histórico a existência de cerca de 1400 povos indígenas no território que correspondia ao Brasil do descobrimento [...]. Eram povos de grandes famílias linguísticas – tupi-guarani, jê, karib, aruák, xirianá, tucano etc. – com diversidade geográfica e de organização social. A respeito dos povos Tupi haveria várias hipóteses de sua dispersão sobre o território brasileiro. (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p.21).

Diante do exposto, se percebe a grande diversidade de etnias indígenas que existiam, na qual, cada etnia falava uma língua diferente e cada uma tinha sua cultura própria, tanto é que “alguns autores estimam a população indígena no século XVI entre 2 e 4 milhões de pessoas, pertencentes a mais de 1.000 povos diferentes” (RICARDO, 2000, p. 79).

Então, esse contato foi tudo novidade, tanto para os indígenas, quanto para os portugueses, tendo em vista que ambos os povos, levavam uma vida totalmente diferente, ou seja, os indígenas levavam uma vida bem tradicional enquanto os portugueses tinham um modo de vida dito civilizado.

Nesse contexto, o indígena era um ser sem instrução, na verdade, era um povo que vivia nas matas e sobrevivia do que a natureza podia lhes oferecer, tanto é que por conta disso, ficaram conhecidos como um povo nômade, ou seja, pessoas que não se fixavam definitivamente em um determinado lugar. Esse deslocamento de um lugar ao outro, levou os portugueses a acreditarem que os indígenas eram preguiçosos. Diante disso, os portugueses ao perceberem a inocência dos indígenas começaram a se aproximar, como explica Oliveira; Freire:



Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos (...) se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual preza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois, Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa (CAMINHA, 1999, Apud OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 26).

Portanto, os portugueses ao perceberem que os indígenas não possuíam os mesmos conhecimentos, logo, aproveitaram da estratégia de troca de produtos que os indígenas não tinham, dentre esses produtos se destacam a faca e o espelho, esses objetos chamou muito a atenção do referido povo. Através dessa troca os portugueses foram ganhando a confiança e aos poucos foram estabelecendo diálogo através de gestos, tendo em vista que ambas as nações não sabiam falar a língua um do outro e assim iniciou-se um processo de contato entre índios e portugueses e em seguida outras nações que chegavam com frequência na terra Brasil.

Após conquistar a confiança dos indígenas, os portugueses tiveram que pensar em uma estratégia para poder se familiarizar da melhor forma possível com os mesmos, nesse sentido, veio a ideia de educa-los já que foram tidos como pessoas selvagens que não tinham instrução. Esse processo ficou conhecido como catequização, no qual ficou sob responsabilidade dos jesuítas, que eram pessoas ligadas a religião católica. Esses missionários jesuítas como ficaram conhecidos foram escolhidos pelo papa, líder maior da religião católica, que passou o comando ao rei de Portugal daquela época, como esclarece Oliveira; Freire (2006, p. 46) “O direito de padroado definiu a organização administrativa das missões religiosas [...]. Tal direito, concedido por delegação papal aos Reis de Portugal, tornava esses monarcas chefes civis e religiosos do clero”.

Para poder desenvolver o processo de catequização os jesuítas precisaram convencer os indígenas e nesse jogo muitas etnias não permitiam ser capturadas, outras até deixavam, porém, algumas não se adaptavam e fugiam. E com os indígenas mais mansos, se deu início ao processo de catequização pelos jesuítas, que tiveram que buscar estratégias de trabalhos para conseguirem realizar essa missão, que tinha como propósito mudar a cultura do povo, pois:

A superioridade cristã diante dos nativos “degenerados” justificava a conquista: para mudar costumes e valores era necessário integrar os nativos ao trabalho colonial. No Brasil, os diferentes tipos de trabalho compulsório dos índios junto aos aldeamentos

expressavam os conflitos entre os projetos coloniais dos missionários e os dos colonos, pois envolviam tanto distintas visões sobre os índios, quanto a disputa sobre a posse do trabalho indígena, com a conseqüente consolidação desses respectivos projetos. (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 30).

Os mesmos autores ainda afirmam que, “[...] o trabalho de catequese deveria possibilitar a rápida expansão do sistema colonial, ocupando territórios e defendendo novas fronteiras. A institucionalização das ordens religiosas na colônia veio com a instalação de conventos, colégios e igrejas [...]”. Diante do exposto é possível afirmar, que nesse processo de catequização, foi o início da educação formal para a população indígena, ou seja, foram construídos locais apropriados para educa-los e a partir de então, essa ideia continuou sendo desenvolvida em todo país.

Antes do contato, as populações indígenas não tinham tantos problemas relacionados a determinados tipos de doenças, pois, viviam uma vida tranquila de acordo com a sua tradição. Então, esse contato inicial também trouxe muitos problemas para várias etnias que estabeleceram contato, dentre esses problemas se destacam alguns tipos de doenças que contagiaram várias etnias e mataram muitos indígenas. Também passou a ocorrer mais conflitos de guerras e escravização, nesse sentido, todos esses problemas ocorreram em decorrência do intenso contato entre os diversos povos, como bem esclarece Maria Luíza Marcílio, conforme mostram Oliveira e Freire:

Especialista em demografia histórica, Maria Luiza Marcílio (2004) adotou os números de Hemming, enfatizando o caráter precário e incompleto das fontes coloniais. Marcílio lembrou a de população sofrida pelas populações indígenas através de guerras de conquista, extermínio e escravização, além do contágio de doenças, como a varíola, o sarampo e a tuberculose, que dizimavam grupos inteiros rapidamente, sofrimento testemunhado por jesuítas como José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 23).

Portanto, o contágio de alguns tipos de doenças, acabou facilitando a morte de vários indígenas de diversas etnias, e isso tem colaborado para a redução de algumas etnias. As doenças que chegaram de surpresa nas aldeias acabaram contagiando muitos indígenas, pois, antes os povos não adoeciam com tanta facilidade. Por outro lado, muitos povos indígenas não se deixaram ser contactados e nem escravizados, os mesmos eram espertos e se escondiam nas matas e dificilmente conseguia encontra-los. Logo, esses problemas de doenças e guerras, acabaram dizimando várias etnias fazendo com que o número da população indígena fosse

diminuindo aos poucos, por outro lado o próprio contato, ou seja, a miscigenação com outros povos colaborou na redução de várias etnias.

É importante ressaltar, que vários povos indígenas não aceitaram a catequização pelos jesuítas, dessa forma foram povos que preferiram manter seus costumes, vivendo do jeito que achavam melhor. Essa resistência fez com que não acabassem e dominassem totalmente os povos indígenas no período colonial. Essa ação de escravização dependia muita da criatividade de cada etnia, ou melhor dizendo, tinha etnia que era muito esperta e conseguia fugir com facilidade, enquanto outras sem criatividade acabavam sendo capturados para a escravidão, tanto é que:

O contato dos povos indígenas com os invasores coloniais – portugueses, franceses, holandeses etc. – não pode ser reduzido ao binômio extermínio e mestiçagem. Desde as primeiras relações de escambo [...], passando pelas inúmeras alianças guerreiras até o desespero causado pelas epidemias de varíola, cada povo indígena reagiu a todos os contatos a partir do seu próprio dinamismo e criatividade. (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 51).

Contudo, se caso todos os povos se rendessem aos anseios das nações que chegaram à terra Brasil no período colonial, faz sentido afirmar que desde muitos anos atrás, já não existisse povo indígena no Brasil, mas, pelo contrário, atualmente ainda é possível encontrar povo indígena vivendo na mata, de acordo com seus princípios culturais, mesmo depois de estabelecido contato, assim como, ainda se encontram etnias que ainda não foram contatadas. Esses entre outros povos se esconderam nas matas e sempre foram espertos, fugindo da civilização.

As guerras aconteciam, porque tentavam pegar os índios a força para desenvolverem trabalho escravo, bem como, acontecia entre os próprios indígenas por disputa de espaço, nesse contexto muitas etnias não permitiam ser capturadas e devido a essa resistência os conflitos aconteciam, muitas das vezes por iniciativa dos próprios indígenas que ficavam indignados com a tentativa de escravização, pois esses, eram considerados “os índios “bravos” (bárbaros) eram antropófagos que andavam nus, carregando despojos esquartejados como alimentação e guerreavam os colonizadores” (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 29). Contudo, certas etnias não deixavam ser escravizadas em hipótese alguma, sempre resistiram e eram muito espertos.

De acordo com Oliveira e Freire (2006), as guerras que aconteciam eram justas, realizadas para aprisionamento dos indígenas agressivos. Então a legislação era baseada num

imaginário duvidoso com relação às práticas indígenas consideradas cruéis, como canibalismo, poligamia e outros. Era grande o confronto dos missionários com os pajés supostamente considerados demoníacos.

Essa prática de canibalismo foi vista pelos jesuítas e informada à sociedade, alegando que os mesmos comiam gente, mas na verdade esse ritual era da pajelança, manifestada culturalmente pelos indígenas, logo os jesuítas ao perceberem que se tratava de uma prática religiosa, não permitiam que acontecesse. Assim sendo, não é verdadeira a informação de que os indígenas se alimentavam de carne humana como foi divulgado.

Sobre esse primeiro contato entre indígenas e portugueses acabou sendo formada uma concepção totalmente cheia de preconceito contra a nação indígena, englobando todos os rituais culturais. Diante disso foram vistos como pessoas selvagens, que comiam besteiras, entre outros. Em momento algum se procurou entender que esses povos tinham uma cultura diferente, pois, muito do que viram e falaram dos povos indígenas não se tem evidências, mas é correto afirmar que os mesmos não tinham educação formal, porém, não é possível afirmar que eram canibais. Essa crítica é bem perceptível na descrição de Grupioni (1994), na qual alega que:

No dia 10 de agosto de 1549, escreve Manuel da Nóbrega a Martin de Azpilcueta Navarro, [...]. Elogiando a qualidade da terra e dos ares, descrevendo a abundância e qualidade dos mantimentos, padre Nóbrega se admira da gente que nela habita, formando um contraste negativo com as excelências da terra. Com os costumes já melhor conhecidos, os cristãos se vêem convivendo com pessoas cuja "civilização" mais se aproxima do paradigma de "selvageria". Com um estilo de vida comunitário onde toda a propriedade é dividida igualmente, com casas onde habitam várias famílias compartilhando tudo, com costumes sem paralelo com a experiência europeia, os indígenas vão merecer descrições que demonstram uma atitude atônita de quem não compreende bem o que descreve: "E não têm guerra por cobiça que tenham, porque todos não têm nada além do que pescam e caçam e o fruto que toda terra dá, mas somente por ódio e vingança; em tanta maneira que se dão uma topada atiram-se com os dentes ao pau ou pedra onde a deram, e comem piolhos e pulgas e toda imundícia, apenas por se vingar do mal que lhes fizeram, como gente que ainda não aprendeu *non reddendummalum pro maior* Sem dúvida, o quadro que se coloca frente aos olhos de Nóbrega, não é dos mais animadores. (GRUPIONI, 1994, p. 41).

Assim ocorreu o contato entre os povos indígenas e demais nações estrangeiras no início da década de 1500. Nesse período, foi um contato entre povos com culturas diferentes, no qual cada povo tinha um modo de vida próprio, então os povos indígenas mesmo vivendo nas matas eram criativos, sabiam como lidar com aquele espaço. Diante disso, não significa dizer que todos os indígenas eram preguiçosos ao mudarem de um lugar para outro, quando os

alimentos ficavam escassos, assim como nem todos os indígenas eram canibais, na realidade essa sempre foi uma característica cultural da nação indígena.

Pois, o potencial do índio sempre esteve na ação ao conviver nas matas, sendo sempre criativos, para capturar alimentação, saber andar na mata, como preparar a alimentação, se esconder na hora da chuva, entre outras. Essa esperteza do índio é provável no histórico de escravização, na qual muitos povos foram criativos para não deixarem ser escravizados. Diante do fato, significa dizer que os ditos colonizadores, nada sabiam do mundo indígena e os criticaram de certa forma, o que acabou se tornando uma interpretação errônea com relação ao caráter do indígena.

Desde o início não procuraram respeitar os povos indígenas existentes na terra Brasil, pelo contrário, a ideia principal foi acabar com a cultura e língua dos nativos. Os portugueses, ao chegarem nem sequer procuraram reconhecer que os indígenas eram donos da terra, logo se apossou e divulgou para o mundo que descobriram uma terra e a chamaram de Brasil, por conta da grande quantidade de madeira existente no local. Durante todos esses anos os indígenas ficaram à margem da sociedade como se não significassem nada, assim é notório:

[...] nos idos de 1500, Portugal considerou todo o território brasileiro como parte integrante do seu domínio. Em razão disso, durante praticamente os dois primeiros séculos da história do Brasil, não foram feitas sequer considerações sobre a necessidade de se assegurarem aos povos indígenas quaisquer direitos territoriais. Eram os tempos das tão arrojadas quanto arrogantes “conquistas”, em que simplesmente não se cogitava dar aos “conquistados” nenhum direito. Só com o Alvará Régio de 1º de abril de 1680 é que Portugal reconheceu que se deveria respeitar a posse dos índios sobre suas terras, por serem eles os seus primeiros ocupantes e donos naturais. Infelizmente, esse Alvará foi muito pouco respeitado, visto que as terras indígenas tornaram-se objeto de um continuado e sistemático processo de esbulho por parte dos colonos que, muitas vezes, contavam com o apoio explícito – senão com o estímulo – das autoridades da época ou, ao menos, com a sua omissão. (ARAÚJO, 2006, p. 24).

Então ficou marcado na história do país, que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil, porém, os verdadeiros “donos do lugar” que hoje se chama “Brasil” são os indígenas, que atualmente, não são respeitados, mas, que de qualquer forma lutam para garantirem seus direitos, enquanto povos originários do país.

Sendo uma das maiores lutas, relacionada ao problema de demarcação de terras indígenas, pois, muitas etnias estão em terras que ainda não se encontram demarcadas, nesse sentido, sempre viveram em conflitos com fazendeiros e outros grandes latifundiários. Isso é bem explícito na descrição de Oliveira e Freire (2006, p. 87), quando enfatizam que “Algumas dessas terras haviam sido doadas pelos portugueses aos índios [...]. Entretanto, essas terras,

cultivadas parcialmente ou aforadas, sofriam pressões e esbulhos dos senhores de engenhos da região [...]”.

Os confrontos de guerras e doenças logo no início do contato, acabou extinguindo várias etnias, fazendo com que esses números de povos diminuíssem aos poucos, desde 1500, não se tem dados concretos sobre o quantitativo da população indígena. Da mesma forma, Araújo (2006, p. 23), afirma que atualmente, não tem dados concretos no Brasil sobre a estimativa da população indígena em cada região. Tanto é que até hoje nunca foi feito um censo indígena, os cálculos variam e oscilam tendo por base informações de distintas e variadas fontes. Diante de todos os cálculos, entretanto, trata-se de uma população bem reduzida, ao comparar com o quantitativo da população nacional.

Portanto, segundo Araújo (2006, p. 23), os dados utilizados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) informam que existem atualmente no Brasil, 215 povos indígenas, com uma população aproximando-se de 345 mil índios, representando cerca de 0,2% da população brasileira. De acordo com a FUNAI, esses dados não incluem os indígenas que não moram nas aldeias, no caso os que vivem na cidade estima-se a existência de aproximadamente de 100 a 190 mil, bem como, têm indícios de quase 53 grupos que ainda não foram contatados, ou seja, indígenas que vivem isolados.

## **1.1 AS ONGS E INSTITUIÇÕES INDÍGENAS E AS POLÍTICAS VOLTADAS AOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL**

Portanto, desde o período colonial entrando no Brasil independente, a política voltada para os povos indígenas, sempre teve como propósito acabar com a cultura em geral e língua materna de todas as etnias indígenas, essa política foi se consolidando através da educação escolar, principal ferramenta de manipulação, utilizada inicialmente pelos portugueses jesuítas e depois pelas demais organizações responsáveis por conduzir a educação para os povos indígenas, como se percebe na descrição do autor:

É preciso reconhecer que no Brasil, do século XVI até praticamente a metade deste século, a oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas esteve pautada pela catequização, pela civilização e pela integração forçada dos índios à sociedade nacional. Dos missionários jesuítas aos positivistas do serviço de proteção aos índios, do ensino catequético ao bilíngüe, a tônica foi sempre negar a diferença, assimilar os índios, fazer que se transformassem em algo diferente do que eram. Nesse processo, a instituição da escola entre grupos indígenas serviu de instrumento de imposição de valores alheios e negação de identidade e culturas diferenciadas. (GRUPIONI, 2001, p. 41).

Portanto, percebe-se que a educação formal teve grande influência, quando se trata de desestruturar os costumes e línguas das variadas etnias existentes no Brasil. De acordo com Capacla, (1995, p. 19) “[...] aqueles povos estavam submetidos à dominação e a dependência aos órgãos governamentais e aos sistemas de produção e consumo da sociedade envolvente”. Portanto, o principal objetivo do governo era integrar o indígena à sociedade nacional, ou seja, através da educação escolar se pensou que todas as etnias iriam deixar de falar sua língua materna e esquecer sua cultura.

Na verdade, a educação foi o processo pelo qual inicialmente os povos indígenas foram submetidos com o propósito de estabelecer melhor contato entre as nações ditas colonizadoras, diante disso significa dizer que a educação sempre influenciou nas diversas línguas indígenas falada em todo Brasil.

Grupioni (2001) cita com clareza, os órgãos responsáveis por conduzir a educação escolar indígena na época da política de integração, nesse sentido é importante esclarecer que, com a extinção do SPI, conseqüentemente foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e este assume a educação escolar indígena no início do ano de 1970, o novo órgão então, percebendo o tipo de educação desenvolvida nas escolas indígenas, resolve buscar uma nova alternativa de escola, foi nesse período que foi proposto uma educação que respeitasse a língua indígena.

Como esclarece Capacla (1995, p. 20) “A alfabetização na língua materna, na verdade, já vinha sendo implantada em algumas experiências da FUNAI desde início da década de 70, a partir de convênios com o SIL (à época Summer Institute of Linguistics), [...]”. É importante ressaltar que a FUNAI, só teve a ideia de uma educação bilíngue, porém, nada acontecia na prática, como a FUNAI era subordinada ao governo, a mesma não tinha forças para desenvolver uma política relacionada a uma educação que viesse respeitar a língua indígena e cultura de modo geral das etnias.

Logo, foi a partir de 1970 que as lideranças indígenas, aproveitando o embalo da FUNAI, começaram a lutar em prol de uma educação que respeitasse a língua materna de cada povo. Logo, a luta por uma educação diferenciada acabou sendo uma das metas principais do movimento indígena.

O período de imposição do ensino da Língua Portuguesa na escola indígena, perdurou até o período em que a FUNAI ficou responsável, pois, ao longo desses anos o processo era bem severo, inclusive os professores que trabalhavam naquela época, recebiam ordem para serem rígidos com relação a proibição da fala na Língua Indígena dentro de sala de aula e

muitas das vezes proibiam até fora do ambiente escolar, bem como esclarece a afirmação a baixo:

As escolas funcionavam como internatos e as professoras contratadas pelo SPI tiveram grande influência na vida das aldeias [...]. Os programas eram definidos por elas e os ensinamentos práticos eram os mais importantes (como costurar, lavar, fazer horta, etc.), ao lado do ensino de matemática e português. Aliás, os índios eram abrigados a falar o português, no lugar do patuá, todo o tempo, além do horário escolar, sob pena de castigos corporais. Essa regra severa explica, segundo Assis (1981), porque muitas famílias Karipuna deixaram de ensinar a língua tradicional a seus filhos. (RICARDO, 1983, p.14-15)

Assim sendo, a política de integração do indígena à sociedade nacional, resultou no extermínio de várias línguas indígenas e fez com que muitos povos perdessem seus costumes e adquirisse a cultura do não índio. No entanto, do período colonial até a atuação do SPI, o propósito de integração foi firme. Tanto é que para o Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena (RCNEI, 2002, p. 26), a política integracionista começava por reconhecer a variedade de povos indígenas que existia no Brasil, mas, previa o fim dessa diversidade. Todas as etnias seriam extintas ao se incorporarem os indígenas à sociedade nacional, ou seja, ao se tornarem brasileiros tinham que abandonar seus costumes.

Contudo, depois de muitos anos de decepção e humilhação, os povos indígenas do Brasil começaram a se organizar politicamente, nesse sentido, as primeiras mobilizações ocorreram na movimentada década de 1970, naquela época, a principal preocupação era com relação às terras indígenas. Naquele contexto as terras indígenas ainda não estavam demarcadas, o que ocasionava constantes problemas, principalmente entre indígenas e grandes latifundiários, pois, a invasão para retirada de recursos naturais nas terras indígenas era muito grande.

Então as lideranças percebendo esses problemas que vinham importunando muitas nações, resolveram se aliar e lutar em prol dos seus direitos. Junto ao movimento indígena nasce o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entidade religiosa, que abraçou a nação indígena para lutar em prol de seus direitos, nesse período, o Brasil estava no auge do Regime Militar. Logo, na década de 70 algumas lideranças abriram os olhos e perceberam que não tinha como permanecer sentados, esperando que as coisas mudassem, então:

[...] tudo começou em meados da década de 1970, quando as lideranças indígenas ultrapassaram as esferas de suas próprias comunidades originárias. Até então, essas comunidades estavam voltadas muito mais para suas próprias necessidades e



dificuldades de sobrevivência. Para isso procuravam resolver suas demandas em nível local, sem se envolverem com os problemas e dificuldades dos povos que estavam além de suas fronteiras. Como lhes disse anteriormente, as sociedades indígenas não tinham muito acesso à realidade nacional. (MUNDURUKU, 2012, p. 51).

O movimento iniciou com a realização de grandes assembleias a nível nacional, no qual participavam lideranças de vários povos indígenas do Brasil, como esclarece Pacheco (2006), que no ano de 1974 ocorreu a 1ª Assembleia nacional de líderes indígenas, na Missão Anchieta, na cidade de Diamantino (MT), apoiada e organizada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Nesse período, o CIMI apoiou 16 Assembleias nacionais de povos indígenas. Seu apoio foi fundamental para que os eventos ocorressem, já que, estando em pleno regime militar, o governo dificultava ou impedia a participação indígena e até mesmo a realização das assembleias, como ocorreu em Roraima em 1976.

Assim sendo, faz-se necessário esclarecer que desde a criação do CIMI, esta organização sempre deu bastante apoio quanto ao movimento indígena brasileiro, além do CIMI, o movimento indígena teve o apoio da União das Nações Indígenas – UNIND, entidade que foi criada em 1980, com o propósito de apoiar e sustentar a luta dos povos indígenas e que mais tarde mudou a sigla para UNI. Na época a UNI se torna uma entidade de grande importância para os povos indígenas, sendo a primeira organização nacional, fruto do movimento indígena e que foi dirigida por uma comissão de líderes indígenas.

Posteriormente, outras entidades de apoio, foram sendo criadas, como o Centro de Trabalho Indigenista de São Paulo (CTI), a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI) e o Núcleo de Direitos Indígenas (NDI), bem como, provocou a participação de várias pessoas politizadas da sociedade, tais como: estudantes, artistas e intelectuais militantes brasileiros. (MUNDURUKU, 2012).

Com várias entidades de apoio, que foram criadas, começaram a surgir as associações ou organizações indígenas, que foram sendo criadas em várias regiões do Amazonas. Nesse caso, são organizações locais, regionais e nacionais, de categorias profissionais. Oliveira (2006, p. 196), demonstra que, após a Constituição Federal, a UNI perdeu força, enquanto dezenas de associações locais e regionais eram criadas, no qual se destacam o Conselho Geral da Tribo Tikuna (CGTT), a União das Nações Indígenas do Acre (UNI-Acre), a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), o Conselho Indigenista de Roraima

(CIR), entre outras. Também foi criada uma articulação mais geral – a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Essas organizações indígenas, criadas, só vieram colaborar com o movimento indígena, que aos poucos foi se intensificando e se consolidando, pois, as organizações, tinham a finalidade de articulação das políticas indigenistas. Diante disso, cada estado da federação tem seus líderes, que são responsáveis pelo movimento e pelas organizações existentes. Tanto é que para Baniwa (2006) no contexto atual, no Brasil existem mais de 700 organizações indígenas formais de vários níveis, do local ao nacional, das categorias profissionais, geográficas entre outras. Contudo, evidencia-se que todas as organizações que estão sendo criadas é o grande resultado dos movimentos iniciais que aconteceram na movimentada década 1970.

Essa estratégia que os povos indígenas tiveram de movimento indígena articulado regional e nacionalmente, foi uma excelente forma para lidar com as contradições de visão congelada que a sociedade nacional tem, ao olhar para os povos indígenas. Pois esse movimento surgiu para lutar em prol dos problemas que vários povos vinham sofrendo, como bem descreve Baniwa (2006, p. 59) “No Brasil, existe de fato, desde a década de 1970, o [...] movimento indígena brasileiro [...] objetivando uma agenda comum de luta, como é a agenda pela terra, pela saúde, pela educação e por outros direitos”.

Diante disso, saliento que as lideranças, foram grandes protagonistas das conquistas que ocorreram a partir de muitas reuniões e conversas de articulação em busca da garantia dos direitos indígenas, “Foi esse movimento indígena articulado, apoiado por seus aliados, que conseguiu convencer a sociedade brasileira e o Congresso Nacional Constituinte, a aprovar em 1988, os avançados direitos indígenas na atual Constituição Federal” (BANIWA, 2006, p.59).

Faz-se necessário ressaltar, a importância da atuação do líder Ailton Krenak para o movimento indígena, onde tem contribuído para grandes conquistas acerca dos direitos indígenas, se tornando um protagonista ao participar da aprovação da nova Constituição Federal de 1988, onde, segundo Munduruku, o referido líder:

Durante a assembleia constituinte, discursou para o plenário do congresso nacional e, no decorrer de sua fala, foi pintando o rosto de negro com tinta de jenipapo, em sinal de luto pelos encaminhamentos negativos aos direitos indígenas que estavam sendo feitos. Seu gesto foi determinante para novas tomadas de posição da bancada pró-índio e culminou com a aprovação do capítulo 231 da Constituição Federal, demarcando um novo tratamento da política indigenista nacional. (MUNDURUKU, 2012, p.79).

No entanto, com a aprovação da nova Constituição Federal, muitos direitos foram assegurados aos povos indígenas. O que contribuiu de forma significativa na luta das lideranças, gerando forças para encarar e cobrar dos órgãos públicos, quanto às necessidades coletivas das comunidades, diante disso é viável afirmar, que os povos indígenas são autônomos na tomada de decisão quanto às suas demandas.

Após a Constituição Federal, na década de 1990, começou a aumentar o número de organizações indígenas formais, todas institucionalizadas e legalizadas por todo o Brasil. Como o Estado deixou de atender algumas reivindicações das lideranças, as organizações indígenas começaram a assumir algumas responsabilidades, na qual era de competência do Estado, principalmente na área da Educação, Saúde, Auto Sustentação e outros. Como no caso da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (APIO), que por conseguir congregar todos os povos indígenas do Oiapoque e organizar um movimento bem consolidado, foi capaz de firmar vários convênios com o Governo do Estado do Amapá e com várias instituições, inclusive instituições internacionais, o que acabou resultando na concretização de vários projetos, pois:

O governo do estado passou a financiar projetos em todas as áreas sociais, ficando a cargo da APIO estabelecer as prioridades, gerenciar os projetos [...]. Para ter uma ideia do volume de trabalho realizado em parceria com o Governo do Estado do Amapá, em cinco anos a APIO construiu 14 escolas, 5 centros comunitários, 13 alojamentos para professores não índios, um alojamento para índios em trânsito em Oiapoque. Reformou e ampliou a casa de saúde do índio em Oiapoque, adquiriu 17 aparelhos de radiofonia, um carro para a casa de saúde do índio, um caminhão com capacidade para transportar até 12 toneladas da produção agrícola das aldeias para o Oiapoque. E ainda gerenciou o projeto de formação de professores Palikur [...] (RICARDO, 2000, p. 393).

Sendo assim, fica evidente que as organizações/associações indígenas, existentes em todo o Brasil têm uma grande importância para cada povo indígena, tendo em vista a autonomia que as mesmas têm de desenvolver seus projetos e estabelecer convênios, junto aos órgãos governamentais e instituições reconhecidas nacional e internacionalmente, pois, essas organizações desenvolvem trabalhos e demandas que muitos governos não atendem de acordo a necessidade de cada povo indígena e com a existência de uma organização com autonomia própria, tudo fica mais fácil de resolver e ser conquistado.

O papel principal das associações ou organizações é desenvolver convênios com órgão do governo e administrar projetos em benefício das suas próprias aldeias, nas áreas de Saúde, Educação e outras demandas consideradas importantes. Outra vantagem é que por intermédio

das associações, as lideranças conseguem dialogar com mais facilidade junto as autoridades e assim fazer concretizar projetos de futuro dos povos indígenas.

Consequentemente, as associações criadas em vários estados do Brasil, são resultados da organização política das lideranças indígenas, que através de muitas lutas e conversas, conseguiram e ainda estão conseguindo, concretizar seus direitos já garantidos na constituição de 1988. Diante disso, os líderes indígenas estão mais organizados e juntos lutam em busca de melhoria dos principais problemas que os cercam. Tanto é que os caciques afirmam que:

Temos uma organização política forte. As lideranças [...] organizam desde a década de 1970 grandes assembleias nas quais discutimos nossos problemas e tomamos decisões para defender nossos direitos, na busca de melhoria na qualidade de vida, como saúde, educação e novas oportunidades econômicas aliadas a utilização racional dos recursos naturais. (MAZUREK, 2013, p. 11).

Sem dúvida alguma, que as organizações surgiram para ajudar o movimento indígena, logo, acabam sendo uma arma poderosa para as próprias lideranças, que através das organizações se fortaleceram ainda mais, frente aos governantes, que na maioria das vezes não atendem as demandas dos caciques.

Porém, não significa dizer que todas as populações indígenas, vivem às mil maravilhas, pois, apesar de uma organização política bem estruturada, várias etnias, continuam enfrentando alguns problemas, como: o crescimento da população no entorno da área indígena, invasão para extração de madeira, caça, pesca e outros minérios existentes nas reservas indígenas, bem como, os problemas relacionados aos serviços básicos de saúde, de educação, de comunicação, demarcação de terras entre outros.

Diante do fato, significa dizer que mesmo com todas essas regalias de leis, que existem, dando direito a sociedade indígena de viverem tranquilamente, muitas etnias passam por situações constrangedoras no dia a dia. Nesse sentido, esses problemas que cada povo sofre no cotidiano, acaba levando as lideranças a lutarem frequentemente, em busca de melhorias na vida das comunidades. Lutas que acontecem regionalmente e nacionalmente.

Um problema muito comum está relacionado à demarcação de terras, pois, ainda é bem grande o quantitativo de terras indígenas que ainda não estão demarcadas. Isso acaba gerando conflito entre os indígenas e grandes latifundiários de terras, bem como, sempre ocorre com frequência a invasão por garimpeiros nas terras indígenas para retirada de minérios como, ouro, também, acontece com frequência a retirada do peixe, da caça e da

madeira e isso vem de certa forma prejudicar as etnias, que sofrem atos como esses, sendo que essa invasão acontece de forma ilegal mesmo em terras já demarcadas.

O próprio governo atual vem desenvolvendo uma política totalmente contra a nação indígena, querendo criar leis no sentido de prejudicar direitos já constituídos, diante disso, as grandes lideranças entram em cena, lutando através do movimento indígena para que situações como essa não aconteça. Dentre essas leis tem a Proposta de Emenda à Constituição (PEC-215), na qual tinha por finalidade acabar com o direito do indígena de ter a terra em seu próprio benefício. Mesmo com os direitos garantidos, os indígenas sofrem problemas relacionados à terra, acabando com esse direito é mesmo que exterminar a população indígena brasileira.

Logo, graças a organização política de toda, nação indígena brasileira, leis como a PEC-215 não é aprovada. Cada vez mais está nascendo fortes lideranças, que através do estudo, vem se preparando para enfrentar os desafios existentes e ainda vindouros, relacionados ao desenvolvimento de políticas contrárias aos anseios dos povos indígenas. Portanto lutar contra a aprovação de uma lei anti indígena, ou, lutar para criar e implementar um lei, depende do movimento indígena, pois de nada seria da população indígena se não existisse o movimento indígena. Portanto a força da nação indígena brasileira se encontra nas mãos do movimento indígena, pois:

[...] o surgimento do movimento indígena foi um passo importante para a mudança de orientação nos rumos das políticas indigenistas governamentais, por ser o resultado da conjunção de forças sociais que trouxeram um novo olhar à sociodiversidade das culturas indígenas brasileiras. Por outro lado, as populações indígenas também estabeleceram um novo paradigma na relação entre si e a sua consciência social, ao se perceberem sujeitos de direitos procurando romper com o estereótipo do índio genérico. (MUNDURUKU, 2012, p. 202).

A força do movimento indígena sempre deu e dará a sociedade indígena brasileira, esse resultado de conquista e que apesar da luta ser grande, a vitória não sairá das mãos das grandes lideranças que sempre lutaram e lutarão com fé e otimismo, pode-se afirmar que, por muitos e muitos anos, ainda existirá povos e organizações indígenas, lutando incansavelmente por seus direitos e respeito na sociedade. Enfim, os direitos assegurados na constituição, geraram várias mudanças, no que diz respeito aos direitos dos povos indígenas, fazendo com que os mesmos se tornem mais autônomos em seus anseios e projetos de futuro, e assim garantam o alargamento dos espaços perante a sociedade brasileira.

## 2 A INTERVENÇÃO DE NÃO ÍNDIOS E INSTITUIÇÕES NAS ALDEIAS DA ETNIA KARIPUNA: E AS INFLUÊNCIAS NA CULTURA INDÍGENA, A PARTIR DO SÉCULO XX

Mapa da Reserva Indígena Uaçá

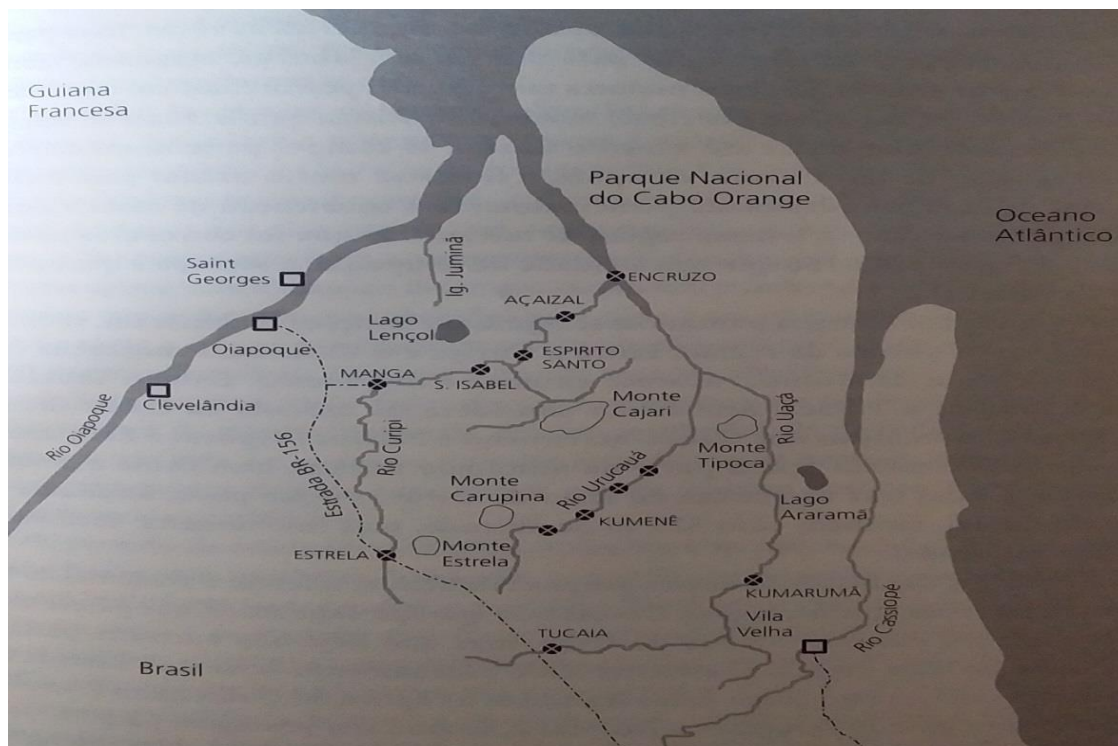


Imagem 1

Fonte: Tassinari (2003).

No início do ano de 1900, o povo indígena pertencente à etnia Karipuna, já estava bem fixado na área do Município de Oiapoque, especificamente, localizados nas margens do Rio Curipi. Ao longo dos anos foram vivendo em vários lugares, as margens desse rio, neste caso a Aldeia do “Laranjal” que mais tarde passou a se chamar de “Espírito Santo” é a aldeia mais antiga e que atualmente ainda é habitada, diante disso, pode-se afirmar que a Aldeia do Espírito Santo, vem ser a aldeia histórica do povo Karipuna.

Na verdade, naquela época a Aldeia do Espírito Santo era a maior aldeia dos Karipuna, logo era a aldeia que recebia a maior parte das pessoas que vinham de fora, ou seja, os “não índios”, tanto brasileiros, quanto estrangeiros. No início da década de 1900, muitos não índios estrangeiros e brasileiros frequentavam a área do Rio Curipi, essas pessoas estavam em busca de ouro e outros recursos naturais de grande valor financeiro, como bem esclarece Vidal, Levinho, Grupioni (2016, p.71):

Na década de 1930, ocorreu um incremento de explorações econômicas no território ocupado pelos índios. Uma usina de extração de pau-rosa funcionou no Curipi de 1932 a 1935, até o esgotamento da madeira, tendo empregado vários Karipuna. Explorações auríferas foram realizadas principalmente por crioulos [...].

Então, nesse fluxo de contato, os Karipuna foram aos poucos aprendendo outros hábitos, falando outras línguas e assim iniciou-se um processo de fusão<sup>1</sup> da etnia Karipuna, ou seja, essa etnia foi aos poucos mudando de fisionomia, o que fez com que os mesmos se tornassem uma etnia heterogênea, um povo formado a partir da mistura de vários povos, entre indígenas e não indígenas<sup>2</sup> brasileiros e estrangeiros.

Portanto, no ano de 1900, com a “Resolução do contestado franco brasileiro em que o Brasil ganha definitivamente a soberania sobre o Amapá. O governo intensifica a sua presença no município e nas aldeias indígenas” (RUFFALDI; SPIRES, 2014, p.19). Nessa época a principal preocupação do governo era com relação a influência francesa, tendo em vista que os franceses frequentavam bastante, as comunidades e tinham bom relacionamento com os indígenas.

A partir do momento em que o Brasil ganha definitivamente a soberania sobre o estado do Amapá, o governo buscou alternativas para se aliar junto às nações indígenas localizadas no então Município de Oiapoque. A preocupação do governo era grande, porque antes da resolução do contestado franco brasileiro, o território de Oiapoque era considerado uma terra sem dono, pois os franceses fizeram de tudo para se apossar do referido território, tanto é que:

Em 1919, seguindo uma proposta do senador Justo Chermont, no congresso nacional, foi criada “comissão colonizadora do Oiapoque”. Nas justificativas, a região era apresentada como “terra abandonada e sem dono” e estava sempre presente a preocupação com a influência dos franceses, embora a questão do contestado tivesse sido aceita pelo tratado de Berna, no mesmo ano. (RICARDO, 1983, p. 2).

Diante do fato, o governo brasileiro teve que buscar estratégias para garantir definitivamente a região de Oiapoque como território brasileiro, ou melhor, teve que investir para poder ter domínio sobre o território. Foi a partir de então, que o governo brasileiro entra

---

<sup>1</sup>O processo de fusão, quer dizer, que a etnia Karipuna, a partir do intenso contato com outros povos, através da mistura passou a adquirir outros hábitos ou costumes, que acabaram que acabaram fazendo parte da cultura do povo Karipuna e dando uma nova identidade a essa etnia.

<sup>2</sup>Não indígenas quer dizer, os outros povos vindos de várias cidades do Brasil, bem como, os estrangeiros que vieram de outros países e se misturaram junto aos Karipuna, pois estes povos não são considerados índios.

em ação de forma intensiva nas comunidades indígenas, desenvolvendo projetos para beneficiar de modo geral todas as populações. Pois, “A preocupação, por parte do estado brasileiro, em “nacionalizar” esse trecho da fronteira, incluindo as populações indígenas, inspirou também a instalação de escolas públicas, em 1934, nas principais aldeias” (RICARDO, 1983, p. 2).

No sentido de reforçar a atuação do governo nas aldeias, em 1930 houve a implantação e atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), no qual foi construído um Posto Indígena (PI) de fiscalização, na aldeia do encruzo, que fica na confluência dos Rios Uaçá e Curipi, pois a implantação do (PI), foi uma atuação do governo brasileiro para ter domínio nas comunidades indígenas. Como já citado, outro grande projeto, foi a implantação de escolas nas Aldeias do Espírito Santo (Etnia Karipuna) e de Kumarumã (Etnia Galibi Marworno), no ano de 1934.

É importante esclarecer que a escola formal chegou junto aos Karipuna, na época em que o governo desenvolvia a política de integração do índio a sociedade nacional. Nesse sentido, Os Karipuna mais antigos relatam, “[...] que a profª Verônica proibia o uso do patoá, inclusive em casa [...]. Cumprindo, assim, o objetivo do SPI de ‘civilizar/amansar’ os indígenas e transformá-los em ‘brasileiros’, integrando-os à ‘comunhão nacional’” (SILVA, 2011, p. 4).

Com base no exposto, não se tem dúvidas de que essa política de governo, “[...] tinha como objetivo o desenvolvimento e a integração dos povos indígenas à Sociedade Nacional” (RUFFALDI; SPIRES, 2014, p.20), a partir da integração se formaria uma só nação, para que os indígenas perdessem sua cultura e deixassem de falar sua língua materna. Nesse sentido, pode-se afirmar que a educação foi a pioneira com relação ao processo de aculturação da etnia Karipuna, pois isso é bem explícito na descrição de Ricardo (1983, p.14-15), quando afirma que:

As escolas funcionavam como internatos e as professoras contratadas pelo SPI tiveram grande influência na vida das aldeias [...]. Os programas eram definidos por elas e os ensinamentos práticos eram os mais importantes (como costurar, lavar, fazer horta, etc.), ao lado do ensino de matemática e português. Aliás, os índios eram abrigados a falar o português, no lugar do patuá, todo o tempo, além do horário escolar, sob pena de castigos corporais. Essa regra severa explica, segundo Assis (1981), porque muitas famílias Karipuna deixaram de ensinar a língua tradicional a seus filhos.



O SPI passou a atuar de forma intensiva nas aldeias a partir de 1942, sendo que nesse ano foram desenvolvidos vários projetos de apoio às comunidades indígenas, esses projetos tinham como propósito, favorecer a economia local dos próprios indígenas, em contrapartida, era de arrecadar recurso para o próprio posto indígena do SPI. Entre os projetos a nível econômico se destacam a “[...] intensificação da pesca, da comercialização de couros de jacaré, da ampliação das roças de mandioca para comercialização, do cultivo de arroz sem sucesso, da criação de gado e do entreposto comercial” (RUFFALDI; SPIRES, 2014, p. 20).

Contudo, os referidos projetos foram pensados e planejados, no sentido de ajudar com relação a renda financeira da população indígena do Oiapoque, porém, uma grande parte era o próprio SPI que se beneficiava, mas, feliz e/ou infelizmente foram iniciativas que acabaram não dando certo, tanto é que Ricardo (1983, p. 3), enfatiza que “Apesar desses insucessos, o entreposto comercial criado em 1943 e administrado pelo SPI conseguiu controlar boa parte da produção excedente dos três povos indígenas da região Uaçá, especialmente os Palikur e Galibi”.

Portanto, algum dos projetos desenvolvidos pelo SPI, nas comunidades indígenas do município de Oiapoque, tem influenciado de forma negativa em alguns aspectos da cultura indígena, como no caso da venda do couro de jacaré e do peixe que eram vendidos para fora das aldeias em grande quantidade, pois, anteriormente ao SPI os indígenas não tinham esse hábito, a partir de então, essa prática se intensificou, levando alguns indígenas a matarem tanto o peixe, quanto o jacaré em grande quantidade, para comercializarem nas cidades de Oiapoque-AP e São Jorge na (Guiana Francesa) e com o passar do tempo essas espécies foram ficando escassas, tanto é que as lideranças afirmam:

Nós costumávamos vender peixe para os não índios, até que percebemos que eles estavam diminuindo. Decidimos que deveríamos parar de vendê-los para proteger e guardar os peixes da nossa região para o consumo da nossa própria população de hoje e do futuro. (MAZUREK, 2013, p. 9).

Atualmente, os indígenas estão sofrendo as consequências, sendo que, nos dias de hoje a venda para fora da aldeia é proibida, porém, mesmo que de forma ilegal, algumas pessoas acabam retirando o peixe dos rios das aldeias e vendendo em grande quantidade na cidade, o outro problema é a escassez, pois em algumas épocas do ano, as pessoas não conseguem pegar o peixe o suficiente para se alimentar. A luta contra essa prática de venda do peixe para fora da aldeia vem sendo discutida principalmente nas assembleias dos povos indígenas de Oiapoque.

É importante ressaltar que, já não tendo como se manter, “[...] as atividades do SPI ficaram bastante restritas por falta de verbas e a falta de eficiência do entreposto comercial”. RUFFALDI e SPIRES (2014, p. 20). Logo, em 1967 o SPI foi extinto e no ano de 1968 foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que deu continuidade no trabalho que era desenvolvido pelo SPI, pois a mudança nesse contexto só foi de nome de instituição, porém, continuou a mesma situação, como esclarece abaixo o autor:

A transição do SPI para a FUNAI em 1968, não modificou de imediato as condições de assistência aos índios do Uaçá. Em 1972 foram criados o PI Kumarumã, na principal vila dos Galibi do uaçá e o PI Palikur. O posto encruzo continuou atendendo os Karipuna [...]. Embora não faltassem promessas dos altos escalões da FUNAI e Brasília, os postos do Uaçá permaneceram em condições precárias, sem recursos nem pessoal adequado. Ricardo (1983, p. 3).

Portanto, desde a atuação do SPI, passando pela FUNAI, ambas as instituições têm influenciado de forma negativa, no que diz respeito à cultura dos povos indígenas, na qual o propósito de política governamental das duas instituições era de “integrar o indígena a sociedade nacional”.

Outra instância que influenciou, tanto de forma negativa, quanto de forma positiva na cultura do povo Karipuna, foi a atuação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que foi criado no ano de 1970 e a partir de 1972 o Padre Nello Ruffaldi é designado ao Município de Oiapoque para assumir a paróquia, nesse contexto, o mesmo entrou em contato com as populações indígenas da região. A partir do ano de 1973 o padre começou a desenvolver suas atividades junto às populações indígenas do Oiapoque, assim sendo:

Em 1973, o Pe, Nello lançou a ‘campanha do filtro’ entre os índios. As famílias que construíssem um sanitário recebiam um filtro d’água, numa tentativa de diminuir a verminose endêmica na área [...]. Posteriormente, esse tipo de campanha se estendeu a outras aldeias da área. No rio Curipi, especialmente na aldeia de Santa Isabel, foi lançada a ‘campanha do tijolo’, para a construção da capela. A partir de 75, a atuação do CIMI se ampliou. O Pe. Nello passou a incentivar os mutirões realizados tradicionalmente pelos índios. Nas celebrações, em reuniões por aldeias ou nas assembleias, surgiram ocasiões regulares para discussão dos problemas das comunidades. Nesse contexto foi lançada, durante uma reunião, a Cooperativa de Kumarumã, movimento que se estendeu para toda a área do Uaçá [...] (RICARDO, 1983, p. 4).

---

O padre Nello Ruffaldi iniciou suas atividades junto aos povos indígenas em 1973, participando de todas as assembleias até o ano de 2019. Devido a problemas de saúde veio a falecer em 28 março de 2019 fechando um ciclo de luta e perseverança.

Vale esclarecer, que no início da década de 1970, os povos indígenas do Oiapoque estavam vivendo momentos difíceis com relação a passagem da BR-156 e conseqüentemente a demarcação das reservas indígenas, que ainda não se encontravam homologadas e nem demarcadas, diante disso o Padre Nello se aliou aos indígenas e começou a ajuda-los a se organizarem em forma de movimento, foi nesse período que teve início a realização das grandes assembleias, por incentivo do próprio padre. Então durante as assembleias são discutidas todas as problemáticas relacionadas às questões indígenas.

Nesse sentido, o padre começou a fazer parte do movimento indígena, incentivando os mesmos a lutarem pelos seus direitos, foi o referido missionário que levou algumas lideranças indígenas da época, a participarem da 2ª assembleia nacional, realizada em Cururu-PA, em 1975, sendo eles: o líder da etnia Karipuna, Manoel Primo dos Santos e o líder da etnia Galibi-Kali'na, Geraldo Lod, acompanhados pelo Pe. Nello Ruffaldi. É importante ressaltar que essa assembleia foi idealizada e organizada pelo CIMI que estava recém fundado.

E após retornarem da assembleia nacional, por pedido das lideranças e tendo apoio do padre, resolveram organizar a primeira assembleia local dos povos indígenas de Oiapoque, que nesse caso, foi realizada na aldeia de Kumarumã da etnia Galibi Marworno, Reserva Uaçá, no ano de 1976 e nesta assembleia se fizeram presentes: o missionário Nello Ruffaldi, como coordenador da assembleia, as lideranças indígenas, pessoas das aldeias e mais a presença dos chefes de postos (PI) que faziam parte da FUNAI. Diante disso:

Os índios atribuem a realização inicial dessas reuniões ao apoio e incentivo do Padre Nello Ruffaldi [...]. Porém, com o passar do tempo, a organização das assembleias tomou rumo próprio, não apenas ao que diz respeito à preparação material e financeira, mas principalmente quanto às formas de proceder. Refiro-me as refeições servidas, que englobam toda uma serie de preparativos; ao baile, que ocorre nos moldes de 'festas grandes'; aos turés [...], competições como torneio de flechas; aos cultos religiosos e ao próprio debate político [...] (mesa organizadora, escolha de pauta, atas, votações) a partir de uma noção própria de respeito a todas as lideranças, de uso de palavras, busca de soluções concretas (TASSINARI, 2003, p. 374).

A partir de então, o missionário, abraçou a causa em defesa dos direitos dos povos indígenas, pois, o mesmo deu bastante apoio para concretização da homologação e demarcação das reservas indígenas do município de Oiapoque, na qual esteve presente na constituinte de 1988, acompanhando as lideranças indígenas da região de Oiapoque, além da homologação e demarcação das terras indígenas, Nello, ajudou os povos do Oiapoque a se organizarem politicamente.

Outra luta incansável do missionário, foi na área da educação, na qual lutou para se concretizar, uma educação bilíngue e sempre apoiou que os próprios índios assumissem a educação nas escolas indígenas. Tanto é que, no ano de 1990 o CIMI ofertou o primeiro curso de formação de magistério, para professores indígenas, onde formou 15 professores, envolvendo todas as etnias do Oiapoque.

O Padre Nello e a Irmã Rebeca Spires, sempre tiveram preocupação com relação à Língua Kheuol. Então foi por iniciativa dos mesmos, que, a partir da década de 1980, teve “a conquista da escrita da Língua Kheuol, preparação dos primeiros professores de alfabetização e início do processo [...] de recuperação da língua materna. Produção de cartilhas, de textos e mais tarde do dicionário” (RUFFALDI; SPIRES, 2014, p.23)

Portanto, o CIMI, através do Padre Nello Ruffaldi e a Irmã Rebeca Spires, trouxeram novos costumes que antes não eram manifestados pelos Karipuna, ou melhor, desenvolveram vários projetos que nada tinha a ver com a cultura do povo Karipuna, porém, o padre sempre se mostrou preocupado em relação aos costumes tradicionais, ou seja, não queria que de forma alguma, os indígenas abandonassem sua cultura, pois, os projetos desenvolvidos eram pensados no bem estar de todos os povos, mas que de qualquer forma interferiu de forma negativa na cultura.

A entrada de pesquisadores nas aldeias localizadas no Município de Oiapoque se intensificou na década de 1990, como a Aldeia Manga foi sempre o porto de entrada e de saída, esses pesquisadores chegavam primeiramente na referida aldeia e na maioria das vezes permaneciam por lá mesmo, pediam licença para desenvolverem suas pesquisas, quando não permaneciam, se deslocavam para outras aldeias mais próximas.

Inclusive no ano de 1995 foi realizada uma filmagem pelo programa “Gente que Faz”, da Rede Globo de Televisão, contando a história de Dionísio dos Santos Caripunas, um indígena da Aldeia Manga, que foi levado por um médico, para morar na cidade de São Paulo, quando tinha 9 anos de idade, ao mesmo tempo o propósito da filmagem foi divulgar a cultura do povo Karipuna.

A permissão de entrada desses pesquisadores sempre foi concedida pela FUNAI, quando os indígenas menos esperavam, essas pessoas já estavam fixas nas aldeias e os indígenas sem saber de nada acabavam cedendo várias informações a essas pessoas, sendo que as mesmas prometiam dar retorno para as aldeias, quando os materiais ficassem prontos e fossem publicados, mas na realidade isso não veio acontecendo. Atualmente com o avanço da tecnologia, estão sendo descobertos a quantidade de materiais publicados na internet, que no

caso foi pesquisa realizada há anos atrás, principalmente por antropólogos e que nunca chegou ao conhecimento, ao menos das lideranças indígenas.

Diante do exposto, se percebe o quanto os indígenas pertencentes à referida etnia, foram explorados, cedendo várias informações importantes sobre a sua cultura, na qual se destacam “o ritual da pajelança” e “a medicina tradicional”. Nessa época, as pessoas tinham pouco conhecimento e eram manipuladas facilmente, principalmente por pessoas autoritárias, como no caso dos chefes do SPI e posteriormente da FUNAI, órgãos que já foram responsáveis e continuam representando os povos indígenas.

Por outro lado, a partir desse contado com esses pesquisadores, muitos indígenas começaram a se interagir e também procuravam saber sobre a realidade do não índio e assim acabavam aprendendo outros costumes diferentes da cultura indígena, na realidade esses pesquisadores traziam uma série de produtos industrializados, e presenteavam os indígenas, produtos tais como: bombons, anzóis, linha de pesca, chumbada entre outros.

A migração de indígenas da etnia Karipuna para a Guiana francesa e outras cidades do Brasil, se intensificou em meados da década de 1970. A partir da primeira migração, acabou se tornando uma prática muito comum entre várias famílias que residiam nas aldeias, localizadas principalmente nas margens do Rio Curipi. Os indígenas que migravam para a Guiana Francesa, iam principalmente em busca de emprego, pois,

Além do comércio, “os índios brasileiros” buscavam serviços temporários remunerados, atraídos pelos salários mais altos e outras facilidades de acesso à educação escolar e assistência médica. Dirigem-se preferencialmente à Caiena, onde trabalham na construção civil, como carregadores, empregadas domésticas, etc., por uma diária média de 60 francos (cerca de Cr\$ 3.600,00 ao câmbio oficial do início de maio de 83). Nessas atividades não concorrem com os indígenas residentes na Guiana, normalmente empregados na prospecção mineral e nas indústrias de madeira e pesca, onde as diárias são mais altas. (RICARDO 1983, p. 5).

Na maioria das vezes os indígenas que iam à Guiana Francesa, acabavam conseguindo bom emprego, construía casas e moravam definitivamente, dessa forma, vinham somente visitar a família e depois retornavam, pois naquela época era muito fácil conseguir emprego por um salário digno e isso tem motivado muitos indígenas a migrarem. Tanto é que no ano de 1980 já com a estrada pronta, que liga a Aldeia Manga até a BR 156, acabou incentivando ainda mais a migração de indígenas à cidade de Caiena, o público principal dessa época eram os jovens, que iam à busca de emprego, esses jovens vinham de outras aldeias e passavam pela Aldeia Manga para chegar até a cidade de Oiapoque e atravessavam para Guiana, sendo

que muitos desses indígenas iam fugidos de seus pais, as vezes por problemas familiares e outros por camaradagem, como costumavam chamar na época. Então muitos desses indígenas arrumavam empregos e se davam bem, mas outros não conseguiam e acabavam retornando para suas aldeias.

Naquela época o acesso era muito fácil, mesmo levando dias para chegar até a cidade de Caiena, capital da Guiana Francesa, os indígenas conseguiam chegar, arrumavam trabalho e moravam em Caiena, bem como, em outros municípios vizinhos. Naquela época não tinha problemas com a Polícia Francesa, ou seja, os imigrantes podiam viver, levando uma vida tranquila, mas para ter uma vida mais padronizada, era preciso tirar a *Sejour*, documento que garantia outras regalias aos estrangeiros, pois:

Para poder trabalhar legalmente, os índios têm que obter a “carte de sejour<sup>3</sup>”, uma espécie de carteira de trabalho. Com esse documento, eles passam a ter escola gratuita para os filhos e assistência médica familiar. Com os filhos matriculados na escola, passam a ter direito – e geralmente o exercem- de solicitar a cidadania francesa, passam a ter direito às “allocationsfamiliales”, verba mensal calculada em função do tamanho familiar (RICARDO, 1983, p. 5).

Com vários anos vivendo em Caiena ou outra cidade, os indígenas brasileiros foram tirando seus papéis de nacionalidade francesa de preferência a *Sejour* que é um documento que permite qualquer estrangeiro de outra nacionalidade a viver na Guiana, pois naquele contexto, este documento tinha validade de 10 anos ou até menos, com o passar dos anos, alguns iam se naturalizando francês.

Faz-se necessário ressaltar, que o maior público de indígenas que migravam para Guiana, era do sexo masculino, muitos deles se casavam com mulheres já de nacionalidade Francesa, outros quando retornavam para sua aldeia de origem, acabava casando com uma indígena e a levava para viver na Guiana, quando não, era o jovem indígena que casava com uma mulher indígena mais velha, que já morava há muitos anos na Guiana, assim iam formando família. Nesse sentido:

Da organização social Karipuna também se manifestam nas tendências de casamento de um lado [...]. As uniões com pessoas “de fora” são também bastante valorizadas, por permitir a inserção da família em outras relações [...] englobando [...] da Guiana Francesa (VIDAL; LEVINHO; GRUPIONI, p. 76).

---

<sup>3</sup>Sejour é um tipo de identidade para estrangeiros que vivem na Guiana Francesa, pois, com este documento o estrangeiro transita em caiena sem ter nem um problema com a Polícia Francesa, é como se o cidadão fosse francês.

A partir dos anos de 1990 começou a ficar um pouco complicado a travessia de qualquer pessoa para a Guiana Francesa e com isso diminuiu um pouco a migração de jovens indígenas à caiana, porém, alguns indígenas continuaram indo, mas não permaneciam por muito tempo e acabavam retornando, até mesmo a questão do papel já era mais burocrático para se fazer, comparando aos anos anteriores. Na realidade até emprego foi ficando difícil de conseguir.

Já no início do ano 2000, diminuiu bastante o fluxo de entrada de indígenas em busca de emprego na Guiana Francesa, na verdade se intensificou a fiscalização e proibição de entrada de qualquer estrangeiro e assim os que já tinham muitos anos vivendo na Guiana, conseguiram fazer seu papel e ter passe livre para viver na Guiana e já os filhos que foram nascendo por lá, já passaram a nascer com nacionalidade francesa.

Atualmente, é muito comum o casamento de indígenas que já são considerados franceses, com indígenas que moram na aldeia, ou melhor, é mais comum o homem indígena que mora na Guiana vir para a aldeia e se amigar com a mulher indígena. Dessa forma os dois vão morar na Guiana francesa, a partir do momento que chegam na Guiana, oficializam o casamento e dessa forma fica mais fácil para a mulher adquirir seu papel de nacionalidade francesa e assim vão formando famílias de indígenas Karipuna com nacionalidade francesa.

Com relação à migração para as cidades do Brasil, naquele contexto era muito comum o jovem indígena migrar para estudar, ou melhor, as maiores lideranças da época mandavam seus filhos estudarem na cidade, até porque o estudo na aldeia era muito limitado, dessa forma,

Segundo levantamento feito por Antonio Vilhena, em outubro de 1982, existem dez famílias karipuna morando na cidade de Oiapoque, cinco delas para que seus filhos completem seus estudos, somando 14 estudantes de Curipi. Quatro filhas do seu côco, líder de Santa Isabel, e uma do seu Henrique, estudam em Belém. Um jovem, Dionísio dos santos, sob responsabilidade do Dr. João Paulo Botelho, está cursando, em São Paulo, o 2º ano do colegial profissionalizante em técnica agrícola e pecuária[...] (RICARDO, 1983, p. 80).

Em muitos casos, devido ao intenso contato com o não índio acabou resultando na migração de várias famílias indígena, para viver nas cidades, acontecia que principalmente o homem não indígena, vinha para aldeia e se casava com a indígena a acabava levando-a para morar na cidade. Na maioria dos casos é o não índio que vai trabalhar na aldeia e acaba

gostando da mulher indígena e se casam, quando não vão para a cidade acabam morando na própria aldeia. Dessa forma o não índio acaba trazendo e deixando outros hábitos.

Quando um casal de indígena com o não índio sai para morar na cidade é muito comum sempre o casal retornar ao menos para passear na aldeia, mas, alguns casais dificilmente retornam. Quando formam família e os seus filhos nascem na cidade, acabam aprendendo outra cultura diferente do jovem que nasce e cresce na própria aldeia, quando retornam à aldeia, mesmo que a passeio, o jovem já na aldeia com outro comportamento, que geralmente é comum o indígena residente na aldeia aprender e passar a manifesta-lo. Pois, a realidade da cidade é totalmente diferente da realidade da aldeia, são dois mundos totalmente distintos, com culturas diferentes.

No início do ano de 1990, intensificou o número de estudantes indígenas indo para as cidades em busca de estudos, isso acontecia devido à carência de alguns níveis de ensino na área indígena, ou seja, iam para as cidades para dar continuidade nos estudos e principalmente para buscar algum curso de formação para poder exercer uma profissão dentro da aldeia. Na maioria das vezes esses indígenas não voltavam logo, ou quando retornavam já estavam casados com o não índio.

Mas é importante ressaltar, que do ponto de vista positivo, quanto ao estudo na cidade é que o indígena tem uma formação mais sólida, tanto é que, os primeiros indígenas Karipuna que retornaram para as suas aldeias, se tornaram grandes lideranças ou funcionários públicos, outros assumindo cargos de confiança, como exemplo do Dionísio dos Santos Caripunas que estudou na cidade de São Paulo e no ano de 1998, foi nomeado para ser chefe do Núcleo de Educação Indígena (NEI-SEED-AP), que por ser cargo de confiança o mesmo passou os 4 anos de chefia, desenvolvendo políticas no âmbito da educação escolar indígena. Nesse sentido, a maioria dos indígenas que estudaram na cidade, ajudaram a população Karipuna a se organizar politicamente na luta pelos seus direitos, por conhecerem melhor as legislações.

Portanto, através do protagonismo dos indígenas Karipuna, bem como, de outros indígenas pertencentes a outras etnias, que estudaram fora das aldeias, foram realizadas várias conquistas a partir do ano de 1990, conquistas que beneficiou a todos os povos indígenas que vivem no município de Oiapoque, tanto é que dessas conquistas vale ressaltar que,

A grande vitória desse processo foi a homologação de suas reservas, em 1992, paralelamente à criação da APIO. Mais recentemente, em 2002, foi fundada a AGM – Associação Galibi-Marworno; em 2005, a OPIMO – Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque; e, em 2006, a AMIM – Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão e a CRPIO – Comissão de Representantes dos Povos Indígenas do Oiapoque. (VIDAL, 2007, p.15)



Vale esclarecer, que a criação da APIO foi um resultado satisfatório da organização política desses povos, que inclusive já estavam preparados para administra-la, sendo então, a primeira presidente a assumir a APIO, Estela dos Santos Oliveira, pertencente à etnia Karipuna, pois, Estela, foi outra indígena que saiu para estudar na grande cidade. Diante se percebe o quanto o estudo fora da aldeia, tem ajudado os indígenas a se organizarem politicamente e lutarem pela defesa de seus direitos.

A entrada de funcionário para trabalhar nas aldeias, inicia-se no ano de 1930 com a implantação do serviço de proteção ao índio (SPI), que passa a atuar nas reservas indígenas do município de Oiapoque, com isso foram designados os primeiros profissionais “não índios” para trabalharem dentro dos postos indígenas (PI), os mesmos eram conhecidos como chefes de (PI) e tinham um poder autoritário para intervir dentro das reservas indígenas, sendo que o chefe, sempre trabalhou em parceria com o cacique da aldeia. Dependendo do trabalho, os chefes eram trocados e estes de acordo com o tempo de permanência nas aldeias iam estabelecendo laços de amizade, inclusive alguns até casaram com indígenas. Como esclarece Ruffaldi; Spires, (2014, p. 20), “[...], foi a época em que funcionários [...] não índios foram introduzidos e que ficaram casando com mulheres índias e influenciando a vida das aldeias”.

Nesse sentido, o chefe de posto foi a primeira profissão a atuar nas reservas indígenas do Município de Oiapoque, que no caso primeiramente era os “não índios” designados pelo governo para trabalhar no (PI). A segunda profissão foi a de professor, que teve início no ano de 1934, na qual “foram enviadas duas professoras primárias para as aldeias de Espírito Santo dos Karipuna e Kumarumã dos Galibi-Marworno. As professoras Verônica Leal e Doquinha, tiveram muita influência na vida destas populações”, (RUFFALDI E SPIRES, 2014, p.20). Mais tarde, também foram entrando outras profissões como motoristas fluviais, os funcionários da saúde, entre outros.

Dessa forma, os chefes de posto, os professores/as da época, e entre outros profissionais tiveram grandes influencia na cultura indígena do povo Karipuna, ou melhor, nesse jogo de ida e voltas iam trazendo e deixando costumes diferentes para a população indígena Karipuna, que aos poucos foi sofrendo um processo de aculturação. O depoimento da professora Verônica evidencia o quanto os Karipuna recebiam não indígenas, que acabavam trazendo outros hábitos para dentro das aldeias:

Havia muita gente que ia por lá. Roque Penafort, amigo e benfeitor daqueles índios, era o prefeito de Oiapoque. D. Aristides Pirovano era o bispo de Macapá. [...]. Havia lá umas crioulas francesas. [...] também recebiam de vez enquanto a visita de

Coracy Nunes, governador do território, do dr. Maia, juiz, não me lembro bem. Também iam padres da paróquia de Oiapoque [...] (TASSINARI, 2003, p. 364).

Também se faz necessário ressaltar, a entrada de regatões ou marreteiros que entravam nas reservas indígenas, para venderem produtos industrializados, como esclarece Ruffaldi e Spires, (2014, p. 20), que 1957-1967: “[...] os regatões intensificaram suas atividades na região sem controle”. Nesse sentido, eram pessoas que além de levar produtos industrializados para comercializarem nas aldeias, na maioria das vezes deixavam suas mercadorias para alguns indígenas revenderem, mas o problema é que nessa época a maioria dos indígenas tinha pouco conhecimento acerca da comercialização e acabam sofrendo ato de exploração, como se percebe no depoimento de Nello Ruffaldi, onde afirma que:

Com a cooperativa, tínhamos a idéia de tirar a exploração e também a influência dos marreteiros que além de explorar, levavam cachaça, aproveitavam das mulheres, isto é, um contato prejudicial ao índio. Além disso, eles se serviam de outros índios, deixavam mercadoria na aldeia para o índio revender. Então, principalmente em Kumarumã, tinha o comércio do Felizardo, do Ribeiro, do Macial, tinha 7 ou 8 comércios se apoiando num marreteiro ou outro. Não era só exploração, mas o jeito de explorar, aí já não era o marreteiro que vendia, mas um índio para o outro e nisto a gente via um perigo muito grande (RICARDO, 1983, p. 14).

A entrada desses regatões/marreteiros ocorreu durante muitos anos. Vale ressaltar que o líder Manoel Primo dos Santos, mais conhecido como seu Coco em meados da década de 1940, fundou a Aldeia Santa Isabel e logo em seguida se tornou um grande comerciante na área do Rio Curipi, ele comprava produtos diretamente de Belém, para revender aos seus conterrâneos indígenas, pois, além de revender os produtos industrializados, também comprava couro de jacaré, ouro e produtos agrícolas dos próprios indígenas. Essa compra acontecia tanto com dinheiro, como também ocorria a troca com produtos industrializados.

Portanto, a partir do momento que senhor Coco começou a comercializar na própria aldeia, acabou com a entrada dos marreteiros. Mas de qualquer forma os mesmos trouxeram e deixaram vários hábitos que acabaram sendo adquiridos pelos indígenas Karipuna, como exemplo, o consumo da bebida alcoólica.

No início de 1930 o povo Karipuna recebeu várias pessoas não índias, que frequentaram a reserva indígena, para exploração de recursos naturais de grande valor, existente na reserva indígena. Diante disso, o contato foi muito intenso, entre uma diversidade de povos, dentre essas explorações se destacam a extração do ouro, principalmente por

peessoas da Guiana francesa, bem como, a extração de pau rosa, que no caso participaram várias pessoas vindas de vários estados do Brasil, conforme afirmam os autores Ruffaldi e Spires:

1930:[...] Esta década marca um incremento de explorações econômicas no território ocupado pelos índios. Uma usina de extração de pau-rosa funcionou no rio curipi de 1932-1935, até o esgotamento da madeira, tendo empregado vários Karipuna [...], explorações auríferas realizadas principalmente por crioulos nos rios Oiapoque e Uaçá, através de salvo-condutos fornecidos pelo consulado brasileiro de Caiena e licença de faiscação de Oiapoque. (Ruffaldi; Spires2014, p. 19).

Sem via de dúvidas que esses diversos povos que se misturaram aos Karipuna, acabaram deixando um legado cultural muito grande e que hoje é manifestado enquanto tradição do referido povo, pois, são costumes que não faziam parte do ritual indígena, mas, de qualquer forma foram adquiridos. Atualmente é explícito no jeito de viver, ser e falar, desta nação indígena, que é considerada uma etnia heterogênea.

Além das influências diretamente por pessoas vindas das cidades, se faz necessário destacar, que as tecnologias também interferiram bastante nos costumes de tradição indígena do povo Karipuna, sendo que o primeiro meio de comunicação de maior influência, foi a TV a cabo, que veio através de seus programas de TV, demonstrar como é a vida na zona urbana, pois, tudo isso foi novidade para essa população, que apesar do contato diretamente com pessoas vindas de fora, não faziam ideia de como era, ou seja, não tinham ideia e nem visão. Assim a TV veio reforçar o que os indígenas já conheciam através dos contatos e ao mesmo tempo veio ensinar o que ainda não conheciam.

Do ano de 2015 em diante, a internet adentrou em várias aldeias da etnia Karipuna e atualmente é a maior rede tecnológica que vem influenciando os indígenas a adquirirem novos hábitos, dentre eles existem as influências malélicas e benéficas, mas que de qualquer forma interfere na cultura do indígena.

A educação de certa forma tem sido outra grande influência na cultura indígena dos Karipuna, a educação que se inicia no ano de 1934 com a alfabetização inicial, até a antiga 4ª série, mais tarde por volta por volta dos anos 80 chega o ensino supletivo da 5ª a 8ª série, e no início de 2000 o ensino médio entra em cena, porém, era uma modalidade de ensino com vários problemas. Nesse mesmo período, alguns indígenas começaram a sair para as cidades em busca de formação a nível superior, onde, alguns conseguem ingresso na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), bem como, em outras universidades.

No ano de 2007 por luta das lideranças indígenas é criado e implementado o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e mais tarde com o funcionamento do Campus Binacional de Oiapoque, chegam vários cursos regulares da UNIFAP. Nesse contexto, aumenta o ingresso dos indígenas na universidade, assim como, em Macapá têm vários Karipuna, na Universidade do Estado do Amapá UEAP, assim como, na UNIFAP, Campus Marco Zero de Macapá. Além dessas universidades, tem indígenas Karipuna, na Universidade Federal do Pará UFPA e também em faculdades particulares, fazendo, tanto cursos a distância como presencial.

Diante do exposto é notório o quanto os indígenas pertencentes à etnia Karipuna passaram por uma transição de influente contado com pessoas e instâncias que interferiram tanto de forma negativa quanto positiva, no que diz respeito aos costumes de tradição tipicamente indígena. Os Karipuna que no ano de 1900, tinham uma vida tranquila, vivendo na base de produtos naturais, na alimentação, na moradia, ou seja, cultuavam hábitos saudáveis de origem nativa. Por volta de 1910 inicia-se o constante contato com as pessoas que simplesmente rodeavam as terras indígenas e do nada as pessoas começaram a se familiarizar com este povo e acabavam se entrosando e convivendo com os mesmos.

A partir de 1930, os indígenas Karipuna, começam a sofrer os primeiros impactos culturais, no qual o SPI, representando o governo brasileiro leva a política e junto foram levados outros hábitos para dentro das comunidades indígenas, diante disso, vários outros projetos de fora, foram sendo desenvolvidos nas aldeias, projetos que vinham de encontro com os costumes de tradição indígena. Aos poucos, as coisas vão mudando de face e assim começam as interferências na língua falada, no comportamento, na forma de se vestir, no jeito de produzir, na maneira de se alimentar, na maneira de brincar, na forma de construir casas, enfim, na maneira de pensar agir sobre o mundo e a natureza.

Devido a todas essas formas de contato, os Karipuna, foram aos poucos obtendo outros hábitos e ganhando uma nova identidade. Então, nessa mistura de povos teve a participação de não índios brasileiros, vindos de vários estados do Brasil e estrangeiros de vários países.

Portanto, o povo Karipuna há décadas vem vivendo um intenso processo de aculturação, que cada vez mais, vem se intensificando, processo este, que deu ao povo Karipuna, uma identidade de indígena heterogêneo, ou seja, uma etnia formada a partir da mistura de várias nações. Porém, é um povo que apesar de ter adquirido outros costumes ainda matem viva a tradição indígena.

### 3 ORIGEM E CULTURA KARIPUNA NA VISÃO DE SEUS MORADORES

#### Rio Curipi



Imagem 2

Fonte: Acervo pessoal

Diante do intenso contato do povo indígena Karipuna, com outros povos, que vem ocorrendo há séculos, faz-se necessário investigar conforme objetivo deste estudo, como tem ocorrido o processo de composição da identidade da atual etnia Karipuna, bem como, como ocorreu o processo de aculturação sofrido pelos mesmos, a partir do de 1900, propriamente século (XX). Diante disso, para coleta de dados foram entrevistadas 5 participantes, sendo os 5 moradores da Aldeia Manga, que se encontram na faixa etária de 70 anos em diante.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, faz-se necessário apresentar algumas revisões bibliográficas, que tratam sobre o histórico de origem da etnia Karipuna. Nesse sentido, Tassinari, (2003, p. 111) afirma que “a história da população Karipuna do rio Curipi é quase inteiramente desconhecida. Há citações sobre os Caripous (Caripounes, Garipons, Cachipoux, Calipourns) na região de Oiapoque desde o século XVII”.

A APIO (2009, p. 11), enfatiza que os Karipuna são de “famílias de origem brasileira provenientes do salgado<sup>4</sup> paraense e ilhas do Amapá ou de lugares mais longínquos, que se

---

<sup>4</sup>Salgado é porque várias as pessoas vieram da costa litorânea do Pará, que é considerada uma área de água salgada, dessa forma o autor utilizou o termo salgado paraense.

misturaram a uma população local predominantemente indígena”. Já Vidal, Levinho, Grupioni, (2016, p.68) alegam que, “De acordo com as informações de Nimuendaju, *Karipúna* refere-se a ‘um número bastante grande’ de falantes da língua geral tupi [...], que migraram para o município de Oiapoque no final do século XVIII [...]”.

Enquanto que o líder Manoel Primo dos Santos, em sua entrevista, afirma que,

Os Karipuna vieram do baixo Amazonas de embarcação à vela, [...]. Vieram uns 200, entre crianças e adultos, fugidos dos cabanos. Vieram pra cá porque aqui era território contestado, não era propriamente Brasil. Entraram no rio Oiapoque até que vieram explorar o rio Curipi acima e ficaram lá no lugar chamado cemitério, chamado assim porque morreram muitos índios Karipuna [...]. Depois foi entrando civilizado pelo meio e desapareceram, mas a origem é Karipuna. Quando eu era mais novo eu via ainda dançar a Kuiapuranga, eles falavam o tupi-guarani, a língua geral. Meus tios davam os nomes dos Karipuna tudinho, que vieram naquela época. (RICARDO, 1983, p.69).

Tendo por base os diversos autores, evidencia-se que não existem dados concretos acerca da origem da etnia Karipuna. Logo a autora Tassinari, tem razão quando afirma que a história da população Karipuna do rio Curipi é quase inteiramente desconhecida.

Portanto, este trabalho tem como propósito, pesquisar a origem da etnia Karipuna, a partir do ano de 1900, século (XX). Para isso, as pessoas foram entrevistadas primeiramente sobre a origem do povo Karipuna, isto é, de onde se originou? Logo a resposta obtida foi:

Morador 1: [...] Que eu me lembro, os Karipuna já viviam, já existiam por aqui no rio curipi. Meu pai nunca me falou sobre os Karipuna, só minha mãe meu pai era civilizado.

Moradora 2: Quando eu abri meu olho os Karipuna já viviam por aqui. O meu pai também contava que os Karipuna já existiam aqui.

Morador 3: O velho Coco contava a história dos Karipuna, que eles chegavam em barcos à vela vinham muita gente, principalmente crianças. Meu pai veio de uma ilha do Pará ou Amapá não lembro muito bem, minha mãe que era índia, meu pai era parente do velho Enrique pai do Luciano.

Moradora 4: Sim desde quando eu nasci os Karipuna já existiam por aqui é o que eu sei. Mas minha família é de descendente de francês e civilizado, o pai da minha mãe era civilizado.

Moradora 5: Os Karipuna já existiam por aqui sim há muito tempo. Depois de um tempo com a guerra entre índios que eles desapareceram, fugiram, ficou só alguns e os Palikur e estrangeiros que viviam no meio deles.

Conforme o exposto pelos entrevistados verifica-se que os moradores são unânimes em afirmar que os Karipuna sempre habitaram a região do Rio Curipi, localizada no município de Oiapoque. O interessante é que a maioria dos entrevistados, afirmam a existência de outros povos vivendo junto aos Karipuna, tanto brasileiros como estrangeiros. Esses dados vêm ser mais bem esclarecidos, quando os entrevistados foram questionados acerca da miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros e brasileiros? Diante disso se obteve respostas parecidas, quando alegam que:

Morador 1: Eu não lembro dos nomes, mais tinha muitas pessoas como francês que viviam no nosso meio, também tinham outros povos estrangeiros

Moradora 2: Eu não lembro dos antigos estrangeiros, só lembro que existia o seu Dijalma que era o chefe da FUNAI e o professora Verônica, que foi a primeira professora que veio pra trabalhar com nós os Karipuna.

Morador 3:, alega que, houve sim, teve mistura de outras pessoas no meio dos Karipuna, vieram Francês, Português, brasileiros que vieram de várias cidade e outros que não lembro muito bem, que o velho coco contava, era assim quando eu trabalhava com ele na fazenda dele [...].

Da mesma forma a moradora 4, afirma que, “teve mistura sim de outros povos como francês, português e outros, também tinha vários brasileiros que vinham das cidades, principalmente das cidades do Pará e Amazonas”. Para finalizar o morador 5, também afirma que, “sim, teve mistura de estrangeiros no meio dos índios sim, francês, português, holandês e outros que não tô lembrado, e tinha muito brasileiro também”.

Em consonância com os resultados da pesquisa, Ricardo, (1983, p.66), afirma que, “após a instalação destas famílias [...], entraram outros elementos na composição do atual povo Karipuna [...] crioulos, árabes, chineses e europeus”. Além desses povos, os entrevistados citaram os franceses e brasileiros. Os resultados da pesquisa, tendo por base os entrevistados e autores acima citados, evidencia-se que os Karipuna independentemente de sua origem, receberam um contingente bem grande, de outros povos que se misturaram a eles. Logo, esses dados vêm elencar o porquê da heterogeneidade desta etnia, bastante miscigenada.

Portanto, essa heterogeneidade da etnia Karipuna, fez com que, sempre fossem vistos e chamados de indígenas civilizados, sendo que os próprios indígenas são sabedores de sua história. Nesse contexto, a mestiçagem faz entender o nome atribuído à este povo, onde afirma que o termo:

[...] ‘Karipuna’ é usado como autodenominação por essa população e indica uma identidade de ‘índios misturados’ ou ‘avançados’, que é tanto atribuída como assumida pelas famílias Karipuna. A noção de ‘mistura’ expressa pelas famílias refere-se à sua origem heterogênea, bem como às constantes alianças que estabelecem com indivíduos ou famílias estrangeiras. (TASSINARI, 2003, p. 16)

A autora acima explica o surgimento da expressão “índios misturados” foi assim que surgiu a miscigenação presente na fisionomia de muitas famílias Karipuna, como a exemplo da família de seu Manoel Primo dos Santos, que são todos de estatura alta, pele, cabelos e olhos claros, e muitas pessoas não as veem enquanto indígenas. Pois, o povo Karipuna em hipótese alguma negou sua verdadeira identidade, apesar da heterogeneidade, esse povo sempre manifestou seus costumes originários, deixados pelos seus antepassados e sempre lutaram em prol de seus direitos.

Tendo por base todos esses povos que se misturam junto aos Karipuna, se faz necessário entender, os costumes que são manifestados atualmente. Para melhor compreensão, cada povo que se juntou aos Karipuna, deixou um legado cultural e que atualmente faz parte da cultura desta referida etnia. Essa afirmação evidencia-se a partir da resposta dos entrevistados, quando questionados, em relação ao contato do povo Karipuna com o *não índio*, quais mudanças sociais você pode perceber? Logo, o Morador 1 alega que:

Morador 1: Nossa cultura mudou sim, naquela época nós usava bacia de barro, tinha uma velha que fazia cerâmica, ela não era índia, eu não lembro o nome dela, nós dançava o Turé, nós falava só o patuá. Hoje nós tem tudo diferente, bacia, louça, roupa e outras coisas, a maioria das pessoas fala o português.

Da mesma forma salientam os demais entrevistados quando afirmam que:

Morador 2: Sim, mudou muito, antigamente a gente não tinha roupa. A nossa roupa era só um pedacinho de pano. A gente não sabia o que era bacia, nem escova. A nossa bacia era de cruatá e a escova era do sabugo de milho, hoje em dia nós temos tudo que o branco tem, nós pegamos os costumes do branco.

Morador 3: Mudou muito, não tinha escola antigamente, hoje em dia já tem, tem posto de saúde, mudou pra melhor. E as casas que eram de palha hoje em dia são de tijolo ou madeira, nessa parte mudou um pouco.

Morador 4: Eu percebo o que mudou muito foi a construção de nossas casas e também de escolas que vieram para ensinar nossos filhos que antigamente não tinha, também antigamente nós só falava o patuá, nós dançava o Turé, tinha competição de arco e flecha nas roça, na época dos mutirão,

Morador 5: O que mudou foi a construção de nossas casas que antigamente era de palha, hoje em dia só se vê de telha e tijolo e também a construção de escolas.



Os dados comprovam que os Karipuna de antigamente tinham uma vida bem tradicional, e dependiam do que a natureza lhes oferecia, tanto os utensílios utilizados como os materiais usados para construção das casas. O que significa dizer que os Karipuna foram influenciados a se utilizarem de outros costumes a partir do intenso contato, como já citado, são costumes deixados por cada povo que se misturou junto a eles.

Dentre os costumes deixados se destaca, as festas de santo, que foi trazida por não índios brasileiros e que atualmente faz parte da tradição de todas as aldeias da etnia Karipuna, uma tradição que tem tudo a ver com a religião católica, sendo esta, a primeira religião a adentrar nas aldeias da etnia Karipuna. Nesse sentido, quando questionados com relação a origem das festas religiosas de santo, presentes atualmente na cultura Karipuna, todos os entrevistados foram unânimes em responder que:

Morador 1: Olha quando eu abri os olhos já existia essas festas, naquela época nós dançava no chão, nós pulava fogueira. Antigamente era assim;

Morador 2 : Quando eu abri meu olho essas festas já existiam o povo falava que era o seu Tangarrá que inventou essas festas;

Morador 3: Antigamente só existia o Turé, o Turé que era a maior festa, a festa grande. Mais depois o padre Nello trouxe essas festas de santo, como a Guadalupe, era assim que a minha mãe contava;

Morador 4: Quando eu nasci já existia já existia essas festas, Santo Antônio, São Pedro e outras;

Morador 5: A primeira aldeia a fazer essas festas, foi a aldeia espirito santo e quem trouxe foi o padre José, de onde vieram eu não sei dizer.

Então de acordo com o resultado obtido, se percebe que as festas de santo, comemoradas atualmente, na maioria das aldeias Karipuna é um ritual bastante antigo. Não há dúvidas de que essas festas são de tradição da religião católica, apesar de serem nomes diferentes, dois entrevistados alegaram que foram os padres que trouxeram para a aldeia. Não tem como descartar a hipótese de que foi a religião católica que trouxe, porque o ritual das festas tem ligação muito forte com os santos que fazem parte da referida religião, acompanhado de promessa aos santos padroeiros.

Cada aldeia tem o seu santo/a padroeiro/ para a realização de uma festa existe todo um ritual. Primeiramente, para uma pessoa fazer a festa, geralmente se faz uma promessa ao santo/a, isso um ano antes, pois, a pessoa passa o ano todo trabalhando para fazer a festa, ou melhor, para pagar sua promessa.

A primeira etapa da festa consiste na limpeza do local chamado (casarão), onde acontece a festa, esse período chamado de convidado da capela. Uma semana depois a primeira etapa é chamada de torração de café, que na verdade ficou em homenagem aos

tempos antigos, era uma fase, onde as pessoas realmente torravam o café de planta, para ser servido aos participantes durante os dias de festa. Atualmente o café já é comprado na cidade, mas, este dia faz parte da tradição e atualmente é um momento onde as pessoas participam tratando de comida, tirando lenha para fazer fogo, enfeitando o casarão de festa, entre outros.

No outro dia é chamado de véspera da festa, ou seja, o primeiro dia que é a noite principal do baile, nesse dia é tocado vários ritmos de músicas, tanto brasileiras como guianenses. Antes do baile dançante os festeiros e o cacique, fazem a fala, explicando sobre as regras da festa e em seguida os festeiros anunciam a todos os participantes que a festa está liberada e todos podem dançar. Quando é meia noite, o baile paralisa por alguns minutos, para a realização da ladainha, ritual católico realizado na igreja e em seguida a festa continua até dia amanhecer ao som de diversos ritmos de música.

O segundo dia é considerado o dia da festa, neste dia é feito a derrubada do mastro para os festeiros pegarem a bandeira do santo, ou melhor, fazerem suas promessas, para que no próximo ano sejam festeiros. Nesse segundo dia de festa o baile continua até o momento em que não ter mais pessoas para dançar. No terceiro e último dia é chamado de lavação da panela, nessa etapa o som começa a rolar ainda pela manhã e quando é por volta das 4 horas da tarde, o som dá uma parada para a realização da lavação das panelas, após a lavação as pessoas continuam dançando até o momento que já não há mais nada para oferecer aos participantes, em muitos casos os festeiros estão cansados e a festa acaba.

Não existem dados evidenciando desde quando, ou melhor, desde que século, os Karipuna falam a Língua Kheul, assim como, não existem dados afirmando, se os Karipuna falavam outra língua indígena, na verdade existem hipóteses de serem falantes de uma língua antiga. De qualquer forma, atualmente os Karipuna são falantes da Língua Portuguesa e da Língua Kheul, língua materna desta etnia.

Quando a escola chegou à aldeia Karipuna, no ano de 1934, esse povo falava a Língua Kheul. Diante disso, se faz necessário esclarecer a atuação do governo brasileiro, no que diz respeito à educação escolar, voltada para os indígenas Karipuna, onde esclarece que:

Para atingir tais objetivos, a escola foi uma instituição de maior alcance, pois através dela os Karipuna aprenderam a língua portuguesa, abandonando a língua utilizada até então, o patuá. No entanto, a ação da escola não se restringiu a obrigatoriedade da língua portuguesa; ao mesmo tempo foi imposta a proibição dos rituais próprios daquela cultura e a introdução dos ritos cívicos e hábitos próprios da sociedade brasileira. Os agentes escolares penalizavam com castigos corporais os indígenas que insistissem em manter os seus hábitos e tradições originárias. (BRITO, 2012, p. 83)

O autor acima explica o porquê atualmente grande parte do povo Karipuna serem falantes ativos da língua portuguesa. Pois, a explicação está no processo escolar, que, além de impor a fala da língua portuguesa, proibia toda a comunidade a falar a língua indígena, bem como, impôs que os mesmos deixassem de manifestar seus costumes originários. Esse argumento se evidencia, a partir da obtenção da resposta, com relação à língua que os Karipuna falavam inicialmente e qual falam atualmente? E se existiu ou existe um idioma Karipuna e porque não se fala mais? Logo a Moradora 2, alega que, “Quando eu abri meu olho eu já falava o patuá eu não sabia falar nada de português, só quando minha mãe me colocou na escola que eu comecei a aprender o português, porque a professora proibia falar o patuá dentro da escola”.

Diante da resposta, fica bem esclarecido que a escola tem uma grande parcela de influência, quanto à imposição da fala da língua portuguesa, entre as famílias pertencentes à Etnia Karipuna. Da mesma forma o morador 1 alega que “a língua que os Karipuna falavam era só o patuá, depois que aprenderam o português. Meu pai não falava sobre isso comigo”

Já os entrevistados 3, 4 e 5 contam versões diferentes, quando afirmam que:

Morador 3 : O meu pai dizia que os Karipuna falavam sim uma língua, que era a língua Karipuna, mas que depois de um tempo foi se perdendo, acabando e que só falam o Kheoul o Patuá e também o português, eu acho que é por causa dos crioulos que vinham por aqui.

Morador 4: O meu pai dizia que antigamente tinha indígena que falava outra língua Karipuna mesmo, mas com o tempo foi morrendo os antigos e depois passaram a falar o patuá.

Morador 5: Logo no início os Karipuna falavam a língua guarani, mas devido a guerra entre índios Karipuna e Palikur muitos fugiram e os que ficaram, foram ficando velhos e com o tempo foram deixando de falar essa língua e passaram a falar só o patuá.

Em consonância com os entrevistados, a autora Vidal (2007. p. 49), enfatiza que:

**Falantes de línguas crioulas: Karipuna e GalibiMarworno**

A língua adotada por esses dois grupos da região do Uaçá é o *kheoul*, ou patuá, falado em toda a bacia do rio Oiapoque, com algumas variações. Consta que os antepassados dos Karipuna falassem português, francês e nhengatu, porém o patuá é a língua que tomou vigor entre os atuais Karipuna. Entre os GalibiMarworno, consta que seus antepassados fossem falantes das línguas aruã e maraon.

Tanto os entrevistados, quanto alguns autores, alegam que os antigos Karipuna, falavam outra língua indígena, mas, sem evidência. Pois os entrevistados afirmaram ter ouvido de seus pais quando ainda eram jovens, os mesmos foram objetivos em afirmar que,

conforme o tempo foi passando, a língua foi sendo deixada de ser falada, levando ao esquecimento e por influência dos guianenses, os indígenas adotaram o crioulo.

Não tem como descartar a hipótese de que os Karipuna aprenderam a falar Kheuol por influência dos guianenses, pois, “desde sua instalação na região do rio Curipi, os Karipuna se mantiveram católicos. [...] época em que os Karipuna foram catequizados por missionários da Guiana Francesa [...]”. (RICARDO, 1983, p. 70). Diante disso, não resta dúvidas de que os Karipuna mantêm contato com o povo da Guiana francesa há séculos. É óbvio que partindo da concepção da catequese, convém afirmar que os Karipuna foram ensinados a falarem a Língua Kheuol que é uma variante da Língua Crioula.

Portanto, independentemente da originalidade da língua indígena falada pelo povo Karipuna, convém afirmar que atualmente, eles têm sua própria língua materna (indígena), conhecida por “Kheuol”. Pois, presume-se, que os Karipuna falam a referida língua, a mais de um século. Nesse sentido, não cabe mais, discutir se já existiu ou não outra língua falada pela referida etnia. Uma vez que, todos os entrevistados são unânimes, quando afirmam que os Karipuna sempre falaram a língua “*Kheuol* ou *Patuá*”. Mas, é importante esclarecer que atualmente a maior parte da população Karipuna é falante da língua portuguesa, por influência principalmente da escola, como já citado anteriormente, na qual, impôs que as pessoas deixassem de falar o Kheuol para passarem a falar o Português.

O Turé é a dança tradicional do povo indígena Karipuna, que vem sendo manifestado há muitos anos. Então, muito antes da “Festa de Santo” ser introduzida na sociedade Karipuna, esta etnia já cultuava o ritual do Turé, uma festa muito grande, onde antigamente, praticamente todas as pessoas participavam, pois, o pajé é quem comanda este ritual, um momento, na qual as pessoas dançam e bebem bastante Caxixi, bebida tradicional deste povo indígena.

Para que uma festa do Turé seja realizada, existe todo um planejamento, pois, tem que ser feito com antecedência, principalmente a Bebida Caxixi, que geralmente é preparado pelas mulheres, alguns dias antes da festa. Como tradição, as mulheres não divulgam como se faz a bebida, mas existem alguns detalhes já divulgados.

Outro passo importante é a organização do “Laku”, espaço onde é dançado o Turé, este espaço tem que ser preparado um dia antes ou algumas horas antes da festa. Para a realização de um Turé é indispensável a participação dos dançarinos, também existem as “Lahen” que são moças responsáveis pela repartição da bebida Caxixi, o “Jådãm” que é responsável por fiscalizar a realização da festa, se caso os participantes não estiverem respeitando o ritual, o Jådãm tem o direito de intervir e punir essa pessoa, a última peça

fundamental para realização do Turé é atuação do pajé, pois, o ritual do Turé tem todo um mistério que somente os pajés conhecem e sabem explicar, logo:

O Turé é uma festa tradicional realizada para os karuãna amigos como retribuição às curas que eles fazem através dos pajés. O grande Turé é realizado no mês de outubro, quando a lua está cheia. É feito Turé também como pequenas demonstrações em datas comemorativas, como o dia do índio (dezenove de abril) e o dia de nossa senhora (doze de outubro). A presença do pajé é fundamental para a realização do Turé, pois ele é quem comanda tudo [...]. (ANDRADE, 2009, p. 9).

É importante esclarecer que o ritual do Turé, hoje em dia não acontece como antigamente, mas, é um ritual que ainda faz parte da tradição e é realizado principalmente em épocas de eventos culturais, seja evento interno da comunidade ou quando todos os povos do Oiapoque se reúnem, a exemplo das assembleias. Então nessas ocasiões o ritual do Turé é indispensável e simbolicamente importante para o povo Karipuna. Tanto é que quando os entrevistados foram questionados sobre o que é o Turé? Você acha que o Turé é mais importante que as festas de santo? Os dois primeiros entrevistados deram as respostas parecidas quando alegam que:

Morador 1: Antigamente a maior festa era só o Turé, depois que foram aparecendo essas festas que tem hoje.

Morador 2: Antigamente, minha filha, só existia o Turé as pessoas dançavam a noite toda, era muito animado. Depois que inventaram essas festas que tinha tocador, inventaram esses outros tipos de dança que tem até hoje.

As festas de hoje, as quais são comentadas pelos entrevistados, são as “festas de santo”, que vem acontecendo desde muitos anos, praticamente em todas as aldeias da etnia Karipuna, só não acontece em algumas pequenas aldeias.

Dando continuidade ao questionamento sobre a dança do Turé, os últimos entrevistados enfatizam que,

Morador 3: O Turé é importante sim, porque faz parte do nosso costume, era assim que os pajés curavam as pessoas de alguma doença e feitiços. Ele fazia a festa para dizer obrigado pela cura das pessoas, mas as festas de santo são importantes também porque a gente faz promessas para ter alguma coisa e também curar algumas doenças dos nossos parentes.

Morador 4: O Turé é muito importante sim. Antigamente a gente dançava muito o Turé eu gostava muito. As festas de santo também são importante a gente dançava e pulava fogueira.

Morador 5: O Turé era mais importante do que as festas de santo, quando tinha essas festas, as pessoas deixavam de ir só para dançar o Turé.

Os resultados dos três últimos participantes da pesquisa, salientam a importância do Turé, inclusive um dos entrevistados foi bem objetivo em afirmar a sua importância para a manutenção da cultura Karipuna, reforçando sobre a cura de doenças pelo pajé, no ato do ritual do Turé.

Tendo por base as respostas dos entrevistados, fica evidente que o ritual do Turé já foi bem valorizado pelos Karipuna, onde a maioria das pessoas participavam e se divertiam. O ritual do Turé tem todo um significado de importância para essa etnia, que é considerada heterogênea. Dessa forma, a população Karipuna que atualmente vive na área do município de Oiapoque, foi aos poucos ganhando uma nova identidade. Em nosso entendimento o povo Karipuna não foi formado por vários povos, mas, foram diversos povos que se misturaram a esta etnia e que acabou adotando uma nova identidade de índio misturado.

O fato de que os Karipuna migraram de outros lugares do Brasil, ficou para história. Nesse contexto, se faz necessário compreender a realidade desse povo, a partir do século XX, período em que os Karipuna, já estavam fixados na área do Rio Curipi. Nesse momento, não convém alegar que os Karipuna migraram de outros lugares, pois, não existem dados fidedignos com relação à trajetória de vida dos Karipuna, como citado por diversos autores que contam versões diferentes, para melhor compreensão não faz sentido, evidenciar algo sem vestígios fidedignos.

É importante esclarecer que antes de 1900, a área do município de Oiapoque não era propriamente Brasil, ou seja, este território não tinha dono. Diante disso, vários povos, em especial os franceses da Guiana francesa frequentavam as aldeias cotidianamente e acabaram estabelecendo fortes laços com o povo indígena Karipuna. Essas pessoas iam para as aldeias principalmente em busca de ouro, de couro de animais, como jacaré, bem como, outros eram viajantes, já que o território não tinha dono. Nesse jogo de contato aos poucos, a etnia Karipuna foi ganhando uma nova identidade, atualmente conhecida por uma etnia heterogênea.

Então a partir desse intenso contato entre povos, ocorreu um processo de aculturação, ou seja, cada povo deixou um legado cultural e que aos poucos foi fazendo parte da tradição Karipuna e com o passar dos anos, esse povo começou a deixar de praticar alguns costumes originários e passaram a praticar hábitos trazidos de fora. Atualmente,

A maior parte da população Karipuna encontra-se nas margens do rio Curipi, principalmente no seu baixo e médio curso. Além das quatro aldeias maiores e principais – Manga, Espírito Santo, Santa Izabel e Açaizal -, existem treze pequenas localidades residenciais dispersas ao longo do rio Curipi, mas estreitamente relacionadas às quatro aldeias maiores. (GALLOIS e GRUPIONI, 2003, p. 38).

Os Karipuna ao se instalarem na área do Rio Curipi, habitaram vários lugares às suas margens. Além da área do Rio Curipi, tem aldeia Karipuna, nas margens da BR 156 e nas margens do Rio Oiapoque, porém, a maior quantidade de indígenas e principalmente as aldeias mais populosas, ainda se encontram localizadas nas margens do Rio Curipi.

Portanto, diante dos dados obtidos, é evidente que o povo Karipuna é heterogêneo, onde a fisionomia e aparência dos mesmos, não definem se são índios ou não, o que importa é que nasceram e moram em terras indígenas, que se encontra legalmente demarcadas e homologadas e valorizam sua cultura. Contudo, a etnia Karipuna tem seus próprios costumes e uma língua, que apesar de ter sido adquirida há séculos, se tornou língua materna deste povo, que tem sua identidade indígena, realiza seus rituais originários, tem seus direitos garantidos em leis e lutam para que sejam efetivados na prática, enfim, enquanto existir povo indígena no Brasil, estes, sempre irá defender e lutar em prol da garantia de seus direitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou acerca das influências externas que contribuíram na formação e evolução da etnia Karipuna que está localizada área do município de Oiapoque-AP, a partir do ano de 1900, século XX. Partindo desse contexto, a pesquisa se norteou com o seguinte problema de pesquisa: como se formou a etnia Karipuna em Oiapoque e que impactos tiveram as instituições indígenas em aspectos culturais Karipuna. De modo geral, diagnosticou-se, que a partir do ano de 1900, os indígenas pertencentes à etnia Karipuna, já estavam bem instalados na atual Reserva Indígena Uaçá, localizada no município de Oiapoque, especificamente habitando as margens do Rio Curipi, vivendo de acordo com seus costumes e língua própria, apesar do contato já estabelecido com outras nações não indígenas.

Com base nas entrevistas chegasse à conclusão de que os indígenas Karipuna são heterogêneos, ou seja, um povo formado a partir da mistura com outros povos, dentre eles não indígenas brasileiros e estrangeiros, dessa forma outros costumes externos foram incorporados junto aos Karipuna e que atualmente faz parte da manifestação cultural desta etnia.

Antes da chegada de instituições indigenistas nas aldeias Karipuna, as pessoas falavam sua língua materna/indígena, os costumes originários eram manifestados rotineiramente. A partir do momento que essas instituições chegam nas aldeias, principalmente o SPI e a escola, foram impostos novos hábitos, porque essas instituições representavam o governo brasileiro e nesse contexto a política do governo era de integração do índio a sociedade nacional, ou seja, o propósito era de acabar com a língua e cultura da nação indígena.

Esse contato, também influenciou os indígenas a migrarem para as cidades, principalmente cidades localizadas na Guiana Francesa, pois as famílias que se fixavam na Guiana, quando retornavam à aldeia já traziam novos costumes que acabava sendo adotado e incorporado nas manifestações culturais. Em muitos casos, esses indígenas retornavam somente para passear, por que já estavam com a vida estabilizada na Guiana, onde já tinham emprego e casa.

Partindo destes resultados e do caminho percorrido durante toda pesquisa, confirmou-se a hipótese parcialmente, de que o atual povo indígena Karipuna, recebeu forte influencias externas, o que acabou resultando na composição da nova identidade deste povo. Influencias tanto de pessoas que desenvolveram trabalhos nas aldeias Karipuna, como de instituições que foram criadas e funcionaram nas aldeias, principalmente no período da política de integração.

Portanto, os objetivos propostos no trabalho foram atendidos, assim como, possibilitaram um novo olhar acerca do tema. Na qual foi possível averiguar, como ocorreu o



processo de formação da atual etnia Karipuna, enfatizando sobre como ocorreu o processo de aculturação, ou seja, os Karipuna por terem contato há muito tempo com a sociedade não indígena, acabaram adquirindo outros costumes que passaram a fazer parte da cultura desse povo. Diante disso constatou-se, que esse contato resultou na construção de uma nova identidade, ou melhor, de um povo heterogêneo/misturado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ugo Maia. **Turé dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, IEPÉ, 2009.

APIO, Associação dos povos indígenas do Oiapoque. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque**. Oiapoque: APIO, 2009.

ARAÚJO Ana Valéria et al. **Povos Indígenas e a Lei dos “Branços”: o direito à diferença** - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BRITO, Edson Machado de. **A Educação Karipuna do Amapá no Contexto da Educação Escolar Indígena Diferenciada na Aldeia Espírito Santo**, Tese de Doutorado em Educação: História Política e Sociedade; São Paulo, 2012.

CAPACLA, Marta Valéria. **O Debate Sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil (1975-1995)** Resenha de Teses e Livros – MEC/MARI-USP. 1ª edição, Brasília/São Paulo, 1995.

GALLOS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. **Os povos indígenas no Amapá e norte do Pará**. 2ª edição, Rio de Janeiro. Ponto de cultura “arte e vida dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará” (Iepé e Iphan-MinC), 2003.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

\_\_\_\_\_, Luís Donisete Benzi (org), **Índios no Brasil**, Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. 2. edição: 1994.

MAZUREK, Rosélis Remor de Souza. **Programa de gestão territorial e ambiental das terras indígenas do Oiapoque** - Belém: thenature conservancy, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **O Caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA João Pacheco de; FREIRE Carlos Augusto da Rocha. (org.) **A Presença Indígena na Formação do Brasil** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

RICARDO, Carlos Alberto, **Povos Indígenas no Brasil** – São Paulo: CEDI, 1983.

RUFFALDI, Nello; SPIRES, Rebeca (ORGs). **Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas indígenas Karipuna, GalibiMarworno, Palikur e GalibiKalinã**, 3ª Edição - Oiapoque – AP, 2014.

SILVA, Reginaldo Gomes Da. **Educação Escolar na Fronteira do Brasil entre os Karipuna e Galibi-Marworno: da assimilação à autonomia.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz, **No Bom da Festa: O Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá** - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o Encontro das Águas, o Encruzo dos Saberes e a Arte de Viver.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2007.

VIDAL, Lux Boelitz, LEVINHO, José Carlos; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (org.): **A PRESENÇA DO INVISÍVEL: Vida Cotidiana e Ritual entre os Povos Indígenas do Oiapoque** – Rio de Janeiro: Iepé – Museu do Índio, 2016.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
A COLETA DE DADOS DA PESQUISA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ETNIA  
KARIPUNA DO OIAPOQUE - AP

Orientador: Prof. Luiz Gustavo da Silva Costa

Orientandos: Juliana Aniká dos Santos

Yuri Aniká dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordei em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis os acadêmicos Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, que pode ser contatado pelo e-mail: julianaanika2016@gmail.com e yuri\_anika9@hotmail.com, e pelos telefones (96) 981199100 e (96) 984030899. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “As influências externas na formação e evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque – AP” que tem como objetivo do estudo entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não “índias” em sua cultura. A pesquisa investiga como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo. Por entender que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, participei disponibilizando meu acervo pessoal: documentos, pinturas, poesias, escritos e outros, e concedendo entrevistas que foram gravadas, transcritas e a mim apresentada e liberada para ser divulgada seus conteúdos, usando ou não o meu nome, juntamente com o material do meu acervo pessoal, desde que assegure minha privacidade e integridade moral.

Henrique dos Santos

Assinatura:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ETNIA  
KARIPUNA DO OIAPOQUE - AP

Orientador: Prof. Luiz Gustavo da Silva Costa

Orientandos: Juliana Aniká dos Santos

Yuri Aniká dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordei em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis os acadêmicos Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, que pode ser contatado pelo e-mail: julianaanika2016@gmail.com e yuri\_anika9@hotmail.com, e pelos telefones (96) 981199100 e (96) 984030899. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada "As influências externas na formação e evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque – AP" que tem como objetivo do estudo entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não "índias" em sua cultura. A pesquisa investiga como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo. Por entender que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, participei disponibilizando meu acervo pessoal: documentos, pinturas, poesias, escritos e outros, e concedendo entrevistas que foram gravadas, transcritas e a mim apresentada e liberada para ser divulgada seus conteúdos, usando ou não o meu nome, juntamente com o material do meu acervo pessoal, desde que assegure minha privacidade e integridade moral.

Assinatura:





UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ETNIA  
KARIPUNA DO OIAPOQUE - AP

Orientador: Prof. Luiz Gustavo da Silva Costa

Orientandos: Juliana Aniká dos Santos

Yuri Aniká dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordei em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis os acadêmicos Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, que pode ser contatado pelo e-mail: julianaanika2016@gmail.com e yuri\_anika9@hotmail.com, e pelos telefones (96) 981199100 e (96) 984030899. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada "As influências externas na formação e evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque – AP" que tem como objetivo do estudo entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não "índias" em sua cultura. A pesquisa investiga como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo. Por entender que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, participei disponibilizando meu acervo pessoal: documentos, pinturas, poesias, escritos e outros, e concedendo entrevistas que foram gravadas, transcritas e a mim apresentada e liberada para ser divulgada seus conteúdos, usando ou não o meu nome, juntamente com o material do meu acervo pessoal, desde que assegure minha privacidade e integridade moral.

*Constância dos Santos*

Assinatura:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ETNIA  
KARIPUNA DO OIAPOQUE - AP

Orientador: Prof. Luiz Gustavo da Silva Costa

Orientandos: Juliana Aniká dos Santos

Yuri Aniká dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordei em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis os acadêmicos Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, que pode ser contatado pelo e-mail: julianaanika2016@gmail.com e yuri\_anika9@hotmail.com, e pelos telefones (96) 981199100 e (96) 984030899. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “As influências externas na formação e evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque – AP” que tem como objetivo do estudo entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não “índias” em sua cultura. A pesquisa investiga como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo. Por entender que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, participei disponibilizando meu acervo pessoal: documentos, pinturas, poesias, escritos e outros, e concedendo entrevistas que foram gravadas, transcritas e a mim apresentada e liberada para ser divulgada seus conteúdos, usando ou não o meu nome, juntamente com o material do meu acervo pessoal, desde que assegure minha privacidade e integridade moral.

*Yuri Aniká dos Santos*

Assinatura:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

AS INFLUÊNCIAS EXTERNAS NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ETNIA  
KARIPUNA DO OIAPOQUE - AP

Orientador: Prof. Luiz Gustavo da Silva Costa

Orientandos: Juliana Aniká dos Santos

Yuri Aniká dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordei em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis os acadêmicos Juliana Aniká dos Santos e Yuri Aniká dos Santos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, que pode ser contatado pelo e-mail: julianaanika2016@gmail.com e yuri\_anika9@hotmail.com, e pelos telefones (96) 981199100 e (96) 984030899. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “As influências externas na formação e evolução da Etnia Karipuna do Oiapoque – AP” que tem como objetivo do estudo entender a origem da etnia Karipuna no Município de Oiapoque e as influências das instituições indígenas não “índias” em sua cultura. A pesquisa investiga como, quando e de que forma ocorreu o processo de formação e evolução da etnia Karipuna e como resultou na aculturação deste povo. Por entender que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, participei disponibilizando meu acervo pessoal: documentos, pinturas, poesias, escritos e outros, e concedendo entrevistas que foram gravadas, transcritas e a mim apresentada e liberada para ser divulgada seus conteúdos, usando ou não o meu nome, juntamente com o material do meu acervo pessoal, desde que assegure minha privacidade e integridade moral.

*Altel dos Santos Karipuna*

Assinatura:



**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO AOS  
INDIGENAS KARIPUNA DA COMUNIDADE CAMPO**

**QUESTIONÁRIO APLICADO**

- 1- Você tem conhecimento sobre a origem do povo karipuna, isto é de onde se originou?
- 2- Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses.
- 3- Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?
- 4- Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?
- 5- Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?
- 6- O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**APÊNDICE C - RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO AOS INDIGENAS KARIPUNA DA COMUNIDADE CAMPO**

**RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Entrevistado (Morador 1 - M1):** Henrique dos Santos

**Entrevistador (E):** Yuri Aniká dos Santos

Aldeia Manga – 20 de outubro de 2018

**1-** Você tem conhecimento sobre a origem do povo Karipuna, isto é de onde se originou?

**M1:** Pois é que eu me lembro os Karipuna já viviam, já existiam aqui. Meu pai nunca me falou sobre os Karipuna só minha mãe meu pai era civilizado.

**2-** Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses?

**M1:** Eu não lembro dos nomes mais tinha muito francês que viviam no nosso meio.

**3-** Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?

**M1:** Nossa cultura mudou sim, naquela época nós usava bacia de barro, tinha uma velha que fazia cerâmica ela não era índia, eu não lembro o nome dela. Hoje nós tem tudo diferente, bacia, louça, roupa e outras coisas.

**4-** Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?

**M1:** O primeiro nome se chamava Village em kheoul, tudo mundo chamava assim, o povo vivia da roça e da pesca. Não tinha café nem açúcar o povo comia o que tirava do mato como a gengibre nós tomava como chá era isso que era nosso café.

**5-** Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?

**M1:** Olha quando eu abri os olhos já existia essas festas, naquela época nós dançava no chão, nós pulava fogueira. Antigamente era assim.

**6-** O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**M1:** Antigamente a maior festa era só o Turé depois que foram aparecendo essas festas que tem hoje.

## RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Entrevistado (Morador 2 – M2):** Vitória Aniká

**Entrevistador (E):** Yuri Aniká dos Santos

Aldeia Manga – 30 de outubro de 2018

**1-** Você tem conhecimento sobre a origem do povo Karipuna, isto é de onde se originou?

**M2:** Quando eu abri meu olho os Karipuna já viviam por aqui. O meu pai também contava que os Karipuna já existiam aqui.

**2-** Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses.

**M2:** Eu não lembro dos antigos estrangeiros, só lembro que existia o seu Dijalma que era o chefe da FUNAI e o professora verônica.

**3-** Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?

**M2:** Sim minha filha mudou muito, antigamente a gente não tinha roupa. A nossa roupa era só um pedacinho de pano. A gente não sabia o que era bacia nem escova. A nossa bacia era de cruatá e a escova era do sabugo de milho, hoje em dia nós temos tudo que o branco tem, nós pegamos os costumes do branco.

**4-** Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?

**M2:** O meu pai dizia que era o espírito santo. Era chamado de Village era assim que eles chamavam antigamente.

**5-** Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?

**M2:** Quando eu abri meu olho essas festas já existiam o povo falava que era o seu Tangarrá que inventou essas festas.

**6-** O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**M2:** Antigamente minha filha só existia o Turé as pessoas dançavam a noite toda, era muito animado. Depois que inventaram essas festas que tinha tocador, inventaram esses outros tipos de dança que tem até hoje.

## RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Entrevistado (Morador 3 – M3):** Manoel Floriano dos Santos

**Entrevistador (E):** Juliana Aniká dos Santos

Aldeia Manga – 10 de novembro de 2018

**1-** Você tem conhecimento sobre a origem do povo Karipuna, isto é de onde se originou?

**M3:** O velho coco contava a história dos Karipuna, que eles chegavam em barcos à vela vinham muita gente, principalmente crianças. Meu pai veio de uma ilha do Pará ou Amapá não lembro muito bem, minha mãe que era índia, meu pai era parente do velho enrique pai do Luciano.

**2-** Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses.

**M3:** alega que, “houve sim, teve mistura de outras pessoas no meio dos Karipuna, vieram Francês, Português, brasileiros que vieram de várias cidades e outros que não lembro muito bem, que o velho Coco contava, era assim quando eu trabalhava com ele na fazenda dele [...]”.

**3-** Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?

**M3:** Mudou muito, não tinha escola antigamente, hoje em dia já tem, tem posto de saúde, mudou pra melhor. E as casas que eram de palha hoje em dia são de tijolo ou madeira, nessa parte mudou um pouco.

**4-** Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?

**M3:** Antigamente só existia o Turé, o Turé que era a maior festa, a festa grande. Mais depois o padre Nello trouxe essas festas de santo, como a Guadalupe, era assim que a minha mãe contava;

**5-** Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?

**M3:** O meu pai dizia que os Karipuna falavam sim uma língua, que era a língua Karipuna, mas que depois de um tempo foi se perdendo, acabando e que só falam o Kheoul o Patuá e também o português, eu acho que é por causa dos crioulos que vinham por aqui.

**6-** O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**M3:** O Turé é importante sim, porque faz parte do nosso costume, era assim que os pajés curavam as pessoas de alguma doença e feitiços. Ele fazia a festa para dizer obrigado pela cura das pessoas, mas as festas de santo são importantes também porque a gente faz promessas para ter alguma coisa e também curar algumas doenças dos nossos parentes.

## RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Entrevistado (Morador 4 – M4):** Constância Monteiro dos Santos

**Entrevistador (E):** Juliana Aniká dos Santos

Aldeia Manga – 15 de novembro de 2018

**1-** Você tem conhecimento sobre a origem do povo Karipuna, isto é de onde se originou?

**M4:** Sim desde quando eu nasci os Karipuna já existiam por aqui é o que eu sei. Mas minha família é de descendente de francês e civilizado, o pai da minha mãe era civilizado.

**2-** Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses.

**M4:** Teve mistura sim de outros povos como francês, português e outros, também tinha vários brasileiros que vinham das cidade, principalmente das cidade do Pará e Amazonas.

**3-** Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?

**M4:** Eu percebo o que mudou muito foi a construção de nossas casas e também de escolas que vieram para ensinar nossos filhos que antigamente não tinha, também antigamente nós só falava o patuá, nós dançava o Turé, tinha competição de arco e flecha nas roça, na época dos mutirão.

**4-** Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?

**M4:** Quando eu nasci já existia já existia essas festas, Santo Antônio, São Pedro e outras.

**5-** Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?

**M4:** O meu pai dizia que antigamente tinha indígena que falava outra língua Karipuna mesmo, mas com o tempo foi morrendo os antigos e depois passaram a falar o patuá.

**6-** O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**M4:** O Turé é muito importante sim. Antigamente a gente dançava muito o turé eu gostava muito. As festas de santo também são importante a gente dançava e pulava fogueira.

## RESULTADO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Entrevistado (Morador 5– M5):** Abel dos Santos Karipuna

**Entrevistador (E):** Juliana Aniká dos Santos

Aldeia Manga – 30 de novembro de 2018

**1-** Você tem conhecimento sobre a origem do povo Karipuna, isto é de onde se originou?

**M5:** Os Karipuna já existiam por aqui sim .há muito tempo. Depois de um tempo com a guerra entre índios que eles desapareceram, fugiram, ficou só alguns e os Palikur e estrangeiros que viviam no meio deles.

**2-** Você tem conhecimento se houve miscigenação dos Karipuna com povos estrangeiros? Portugueses, holandeses e franceses.

**M5:** Sim teve mistura de estrangeiros no meio dos índios sim, francês, português, holandês e outros que não to lembrado, e tinha muito brasileiro também.

**3-** Em relação ao contato do povo Karipuna com o não índio, quais mudanças sociais você pode perceber?

**M5:** O que mudou foi a construção de nossas casas que antigamente era de palha, hoje em dia só se vê de telha e tijolo e também a construção de escolas.

**4-** Qual a origem das festas religiosas, santo Antônio e Guadalupe presente atualmente na cultura Karipuna?

**M5:** A primeira aldeia a fazer essas festas, foi a Aldeia Espirito Santo e quem trouxe foi o Padre José, de onde vieram eu não sei dizer.

**5-** Que língua os Karipuna falavam inicialmente? E qual falam atualmente? Existe o existiu um idioma Karipuna? Porque não se fala mais? Qual é a língua?

**M5:** Logo no início os Karipuna falavam a língua guarani, mas devido a guerra entre índios Karipuna e Palikur, muitos fugiram e os que ficaram, foram ficando velhos e com o tempo foram deixando de falar essa língua e passaram a falar só o patuá.

**6-** O que é o Turé? Você acha que o Turé é mais ou menos importante que as festas religiosas? Justifique sua resposta?

**M5:** O Turé era mais importante do que as festas de santo, quando tinha essas festas, as pessoas deixavam de ir só para dançar o Turé.

## ANEXOS A – IMAGENS DE ELEMENTOS QUE FAZEM PARTE DA CULTURA KARIPUNA

### Ritual da Dança do Turé na Aldeia Manga



Figura 1  
Fonte: Acervo dos autores, 2019.

### Remédios Tradicionais que servem para Cura de Doenças



Figura 2  
Fonte: Acervo dos autores, 2019.



### Artefatos Indígenas da Etnia Karipuna



Figura 3  
Fonte: Ariana, 2014.

### Levantamento do Mastro para Festa de Santo na Aldeia Manga



Figura 4  
Fonte: Acervo dos autores, 2019.